



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CRISTINA KELLETER BORGES INHAIA

O SILÊNCIO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LACANIANO

Tubarão

2014

CRISTINA KELLETER BORGES INHAIA

O SILÊNCIO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LACANIANO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Eugênio Maliska.

Tubarão

2014

I37 Inhaia, Cristina Kelleter Borges, 1972-
O silêncio na constituição do sujeito lacaniano / Cristina
Kelleter Borges Inhaia; -- 2014.
70 f. ; 30 cm

Orientador : Maurício Eugênio Maliska.
Dissertação (mestrado)–Universidade do Sul de Santa
Catarina, Tubarão, 2014.
Inclui bibliografias.

1. Psicanálise - Linguagem. 2. Silêncio. 3. Psicanálise
lacaniana. 4. Sujeito (Filosofia). I. Maliska, Maurício Eugênio.
II. Universidade do Sul de Santa Catarina - Mestrado em Ciências
da Linguagem. III. Título.

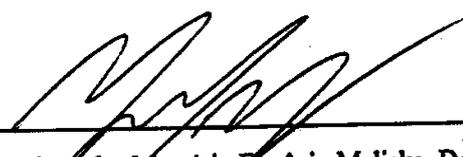
CDD (21. ed.) 616.8917014

CRISTINA KELLETER BORGES INHAIA

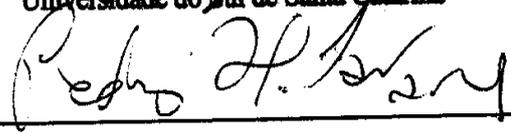
O SILÊNCIO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LACANIANO

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

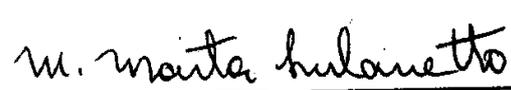
Tubarão, 27 de novembro de 2014.



Professor e orientador **Maurício Eugênio Maliska**, Doutor
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professor **Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares**, Doutor
Universidade de São Paulo



Professora **Maria Marta Furlanetto**, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Àquele que é parte integral nessa conquista, companheiro de percurso, refúgio, porto mais que seguro dos meus silêncios. Nada de metade... parte completa que junto a minha faz cenário inteiro de nós, quadro perfeito para nós dois. A ti, Flávio Borges Inhaia, o real do meu amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, conduzindo sempre meus passos, daí deste lugar “real indizível” que insiste em mim e que apenas é. Em ato e em fé.

À minha mãe, Berenice, pela herança do apreço à letra. Por sua força, determinação e afeto, base para que eu possa constituir-me sujeito a cada dia.

Ao meu pai, Luiz Alberto, pelo amor à música, à rima, à métrica. Por cada som, por cada tom e pelo tempo silenciado.

Às minhas filhas, Roberta e Eduarda, maior tesouro conquistado. Que do lugar de professor a maternagem, me ensinaram muito mais, me fizeram melhor. “Quintaneando” a elas: amo como se ama um cachorrinho verde/foge da lógica/por isso meu amor é forte.

Aos meus irmãos, meus queridos, pela experiência de sermos iguais em tanto e diferentes em tudo.

À família e aos amigos por não desistirem de mim, apesar das minhas ausências, impossibilidades, faltas e silêncios.

À Patrícia Maynard, muito mais que uma secretária competente, uma amiga fiel.

À Simone Espindola de Souza, minha amiga-irmã, pelas visitinhas matinais aos sábados, com meu afilhado lindo. Fez do pouco tempo... um tempo bom!

À Rosane Lemos Barreto, pela alegria do encontro. Pelo café forte, pela conversa franca, pelos projetos que se foram e pela certeza dos que virão.

Ao meu orientador Professor Dr. Maurício Eugênio Maliska, pela aposta e pela espera. Ao acolher o tema dessa dissertação concedeu a mim uma orientação serena, competente e maestral, de forma atenta respondeu ao dito e ao não dito. Sou grata pela generosidade da entrega, compartilhando sua experiência e conhecimento; grata pela sabedoria da espera em ver este trabalho acontecer. Imensamente grata por este encontro.

À PPGL na pessoa do nosso coordenador Professor Dr. Fábio Rauen e sua equipe, corpo docente e secretárias, sempre solícitos e competentes.

Aos professores da banca, Professora Dra. Maria Marta Furlaneto e Professor Dr. Pedro Heliodoro Tavares, pela disponibilidade e contribuições ainda no período do projeto.

À AMAI (Associação dos Amigos dos Autistas de Imbituba/SC), como membro fundadora, juntamente com as colegas de sonho Rita, Simone, Cíntia, Ana Carolina, Luciane, Vera e Jaqueline, pela trajetória feliz de ver um projeto nascer e acontecer.

Aos pacientes e seus familiares que me ensinaram aquilo que os livros jamais conseguiriam dizer.

O senhor sabe o que o silêncio é?
É a gente mesmo, demais. (Guimarães Rosa).

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo discutir o silêncio na constituição do sujeito desde uma perspectiva da psicanálise lacaniana. Para isso, parte-se do silêncio fundante e des(estruturante) na constituição do sujeito diante da emergência das formas de impossibilidade e resistência à linguagem pela escuta na clínica fonoaudiológica, de onde através de casos clínicos, buscamos o aporte para discutir o silêncio no plano teórico, desde sua inscrição no registro real e simbólico da experiência psíquica. Este percurso se dá com base nos conceitos teóricos da psicanálise, mais especificamente sob orientação lacaniana, privilegiando as noções de Sujeito, Discurso e Desejo do Outro, Real e Objeto *a*. Pretendemos discutir o estatuto de cada modalidade conceitual articulando-as aos silêncios que atravessam o fazer fonoaudiológico elencados a partir de vinhetas clínicas, na busca de evidências que indiquem os efeitos, as marcas que o silêncio fundante e constitutivo possa provocar no sujeito. Para além dos considerados distúrbios de linguagem, surge o questionamento que motivará esta investigação: Qual a relação, qual a implicação do silêncio fundante e (des)estruturante na constituição do sujeito?

Palavras-chave: Silêncio. Constituição do Sujeito. Real.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to discuss the silence on the subject constitution from the lacanian psychoanalysis perspective. To achieve this, we start from the founding silence and (de)structuring on the subject constitution facing the emergency of resistance and inability ways to language, by listening in the speech clinic, where through clinical cases we seek the input to discuss the silence in the theory, from its inscription in real and symbolic record of psychic experience. This route will be based in the theoretical concepts of psychoanalysis, more specifically, in the lacanian theory, prioritizing the Subject concepts, Discourse and Desire of the Other, Real and Object- *a*. We intend to discuss the statute of each conceptual modality, linking them to the silence which goes through the listed speech work from the clinical vignettes, seeking the evidences which indicate the effects and the marks that the founding constitutive silence can cause to the subject. Beyond the speech disorders, a questioning which instigates investigation arises: what is the relation, what is the implication of the founding and (de)structuring silence in the subject constitution?

KEY WORDS: Silence. Subject Constitution. Real.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	O SUJEITO E O OUTRO.....	16
2.1	O OUTRO.....	19
2.2	O DISCURSO DO OUTRO.....	22
2.3	O DESEJO DO OUTRO.....	24
3	O REAL.....	29
3.1	A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LACANIANO E O NÓ BORROMEANO.....	29
3.2	O OBJETO PERDIDO E O DESEJO QUE NÃO CESSA.....	31
3.3	O IMPOSSÍVEL DE REPRESENTAÇÃO.....	33
3.4	A CAUSA DO IMPOSSÍVEL.....	35
3.5	O TEMPO LÓGICO.....	42
4	O SILÊNCIO.....	47
4.1	SILÊNCIO: UM IMPÉRIO DE SENTIDO.....	47
4.2	SILÊNCIO E ABISMO.....	51
4.3	O GRITO COMO REALIDADE MATERIAL.....	53
4.4	AS FLORES DE FLORA.....	56
5	CONCLUSÃO.....	63
	REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

[...] um sujeito humano completo nunca é um puro e simples sujeito do conhecimento, como o constrói toda a filosofia [...] Sabemos que não existe sujeito humano que seja um puro sujeito do conhecimento, a menos que o reduzamos a uma célula fotoelétrica ou a um olho, ou ao que chamamos, na filosofia, de uma consciência. (LACAN, 1999, p. 406).

A origem desta pesquisa partiu do convívio diário e das reflexões e inquietações desse convívio através da prática da clínica fonoaudiológica confrontando-a com os silêncios que transitam pelo espaço terapêutico. Silêncio das afasias¹ pela impossibilidade da fala, silêncio das afonias² pela retenção e resistência da fala, silêncio enigmático do autismo. Neste último, crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista³, mais especificamente as crianças e seus familiares, que contribuíram para despertar o olhar e a escuta na relação com estes sujeitos e seus silêncios. Algumas dessas crianças não apresentam linguagem oral, nem condutas simbólicas que sinalizem para algum tipo de interação ou representação de mundo; encontram-se, geralmente, inseridas numa relação/posição silenciosa e algumas vezes sem sentido com o outro.

Para além dos considerados distúrbios de linguagem, compartilhando a ideia lacaniana de que o sujeito não é um simples sujeito do conhecimento, reduzido a uma consciência, surge o questionamento que motivará esta investigação, interessa-nos a relação e a afetação do silêncio na constituição do sujeito. Nesse percurso, por meio de um atravessamento particular que se dará pelo testemunho que ocorre já fora da cena terapêutica, da clínica da linguagem e da clínica do silêncio, esta escrita pretende recolher os seus efeitos.

Localizando um pouco melhor o momento em que fui levada a esta pesquisa, recordo o episódio em que toca o celular às 22h de um sábado. Após identificar o número de origem,

¹ Conforme a *National Aphasia Association* a afasia é um sintoma comum na neurologia clínica que surge como consequência de um acidente vascular cerebral cuja localização geralmente se dá junto à região do cérebro responsável pela linguagem. Pode ser causada também por infecções e manifestações degenerativas locais, comprometendo a área especificada. Caracteriza-se pela perda da capacidade compreensiva e/ou expressiva de linguagem, podendo afetar todas as suas modalidades, como fala, gestos, escrita, leitura e cálculos. (www.aphasia.org).

² As disfonias/afonias dizem de um distúrbio da comunicação oral, no qual a voz não consegue cumprir seu papel básico de transmissão da mensagem verbal e emocional de um sujeito, apresenta-se com duração e graus variados.

³ O termo Transtorno do Espectro Autista foi lançado na recém-publicada edição do DSM-V, o Manual de Classificação de Doenças Mentais da Associação Americana de Psiquiatria que serve de referência mundial para estabelecer diagnósticos. Os transtornos do espectro autista são considerados modernamente como um conjunto heterogêneo de síndromes clínicas, tendo em comum a tríade de comprometimentos da interação social recíproca, comunicação verbal e não verbal e comportamentos repetitivos e estereotipados, variando desde as formas mais graves até as mais leves.

atendo ao chamado, percebendo certa “urgência” naquela ligação. Do outro lado uma voz aflita se apresenta, é a mãe de um menino autista, que conheço e em cujo problema venho intervindo terapêuticamente há algum tempo que me diz na sua angústia: “*ele é a própria esfinge, ou eu decifro esse menino ou ele me devora*”, e segue narrando determinada situação vivida há poucos instantes daquele telefonema, que causara grande angústia para ela, pelo fato de não conseguir “significar” tal situação.

Percebo na mãe, através desse episódio, um sujeito que não se lança, mas que é lançado no abismo do não sentido pela impossibilidade da significação, onde o silêncio poderia dizer muitas coisas, mas por não dizer nada, coloca essa mãe na gênese da estrutura do ser.

Daí o que nos mobiliza, o questionamento que motivará essa escrita, objetivo da nossa pesquisa, aprofundar o estudo acerca do silêncio e sua relação constitutiva com o sujeito. **Qual a relação, qual a implicação do silêncio fundante e (des)estruturante na constituição do sujeito?**

Na busca por argumentos que deem conta dessa indagação, utilizaremos a teoria psicanalítica, a partir das contribuições de Jaques Lacan, propondo uma discussão conceitual que considere os pontos cruciais do pensamento do autor na relação linguagem/sujeito/silêncio e ainda, que nos leve a articular a teoria à prática clínica.

Vivemos num mundo exacerbado de sentido, sustentado pelas significações que fazemos e pela noção de realidade que criamos. Esta construção se dá através da suposta autonomia do sujeito na linguagem e pela inegável hegemonia da palavra, que culturalmente é o nosso principal meio de representação.

Ao nascer o sujeito é inserido no mundo do discurso, mergulhado no campo do simbólico, lançado no universo da palavra. Podemos dizer inclusive que esta imersão se dá antes mesmo do seu nascimento. Há um contexto linguístico que circunda a chegada, os pais imaginam o bebê que vai nascer, dão-lhe um nome, atribuem-lhe sentido e falam, inscrevendo a existência “por vir” numa rede de significações. Para Fink:

Uma criança nasce, então, num lugar preestabelecido dentro do universo linguístico dos pais, um espaço muitas vezes preparado por muitos meses, se não anos, antes que ela veja a luz do dia. E a maioria das crianças é obrigada a aprender a língua falada pelos pais, o que significa dizer que, a fim de expressar seus desejos, elas são virtualmente obrigadas a irem além do estágio do choro – um estágio no qual os pais são forçados a adivinhar o que seus filhos desejam ou precisam – e tentar dizer o que querem *em palavras*, isto é, de uma forma que seja compreensível aos principais responsáveis por elas. No entanto, seus desejos são moldados naquele mesmo processo, já que as palavras que são obrigadas a usar não são suas e não correspondem

necessariamente às suas demandas específicas: seus desejos são moldados na forma da língua ou línguas que aprendem. (1998, p. 22).

Sendo assim, podemos crer que o choro do bebê por desconforto, fome, frio, calor, ou quaisquer outras reações, levam os pais a atribuírem um valor marcado semanticamente, de forma a colocar um significante nesse choro da criança. Buscam saciar uma necessidade, procuram cessar o choro, criando um sentido através da linguagem. Sentido este gerado pelos pais, não pelo bebê, e que muitas vezes pode não vir ao encontro de uma necessidade real, mas que possibilita, através da palavra, a criação de laços sociais pela via da significação. Conforme Lacan (1998, p. 320) “o momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem”, não pelo aparecimento da fala, mas pelo advento do simbólico.

Imaginemos este novo ser, que ainda nada simboliza, inscrito num silêncio que carrega em si um vazio de sentido. Silêncio que o constitui, silêncio fundante, localizado no plano do real. Poderíamos pensar ele mesmo, o recém-nascido, próprio da ordem do real, do indizível, e desta forma distante ainda do contato com a linguagem; pois bem, imaginemos este contexto e o encontro impactante para o outro (p. ex. a mãe), sujeito significado, revestido de simbólico, nessa experiência com o real. Parece imperativa a necessidade do sujeito de emergir deste lugar de vazio e de sem sentido adentrando no campo do simbólico, como forma de representar sua existência e de inscrevê-la na construção social, num mundo possível somente pela linguagem, conforme Fink:

Ao neutralizar o real, o simbólico cria a “realidade”, a realidade como aquilo que é nomeado pela linguagem e pode, portanto, ser pensado e falado. A “construção social da realidade” implica em um mundo que pode ser designado e falado com as palavras fornecidas pela linguagem de um grupo social (ou subgrupo). O que não puder ser dito na sua linguagem não é parte da realidade desse grupo; não existe, a rigor. Na terminologia de Lacan, a existência é um produto da linguagem: a linguagem cria coisas (tornando-as parte da realidade humana) que não tinham existência antes de serem cifradas, simbolizadas ou verbalizadas. (1998, p.44).

Na constituição do sujeito a palavra tornou-se meio privilegiado de inserção na realidade que constitui este sujeito e a eloquência, muito mais que competência, passa a ser uma necessidade do discurso. Mais e mais se fala, ainda que se tenha muito pouco a dizer e nesse movimento quase sem silêncio, ou melhor, de um silêncio não perceptível, há um esvaziamento de sentido por um movimento excessivo de linguagem.

Neste imenso campo de sistemas de signos e formas de linguagem o silêncio surge de um lado como possibilidade de produção de sentidos já que envolve o sujeito e suas significações no registro do simbólico e de outro, como o que essencialmente nos constitui e

não se inscreve na palavra, da ordem do real, conforme sinaliza Nasio (2010, p. 137) “como se permanentemente diante de nós, ele pertencesse à estranheza de tudo que se articula com o real”, o indizível. Tudo aquilo que nos maravilha, horroriza, surpreende, inquieta, aquieta... O “sem palavras”. Essencial à comunicação humana.

O campo da linguagem pensado a partir de Lacan é o campo dos significantes que se dá no registro do simbólico; o autor propõe um retorno a Freud a partir das contribuições da linguística estrutural, surgindo deste momento um dos aforismos de Lacan: “o inconsciente estruturado como uma linguagem”. De acordo com Dor:

[...] parece claro para Lacan que a própria obra de Freud convoca à introdução de certos conceitos da linguística no campo teórico da psicanálise [...] eis por que esta analogia estrutural entre certos processos da linguagem e o dinamismo inconsciente exige uma incursão prévia no campo da linguística. De fato, a noção de estrutura só é central na obra de Lacan na medida em que ela é constantemente referenciada à estrutura da linguagem. Em primeiro lugar, na medida em que esta estrutura é colocada por Lacan como estrutura à qual o inconsciente deve ser relacionado. Em segundo lugar, porque é o próprio ato de linguagem que faz advir o inconsciente e o lugar onde ele se exprime. É principalmente em torno de dois dos princípios mais fundamentais destacados por F. Saussure que esta analogia pode ser o mais seguramente evidenciada: por um lado, a distinção radical entre significante e significado; por outro lado, a discriminação dos eixos da linguagem. (1989, p.27-28).

Lacan apropria-se da noção de significante articulando-a com a de sujeito e diz que *o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante*, e mais, que tudo que decorre desse sujeito estaria na dependência do *discurso do Outro*, sendo este, uma definição dada por Lacan para o inconsciente.

Dessa forma, podemos supor também a importância do silêncio neste lugar de representações, pois, conforme Nasio (2010, p.7), “dentre todas as manifestações humanas, o silêncio continua sendo a que, de maneira muito pura, melhor exprime de maneira densa e compacta, sem ruído nem palavra, do nosso próprio inconsciente”, ou seja, as representações do sujeito, barradas pela repressão, buscam deslizamentos que apontem para a via da consciência, o sentido que escapa, não somente através da linguagem, mas também no movimento de sair do silêncio e retornar a ele, tentando dizer de si mesmo.

Acreditamos ser possível pensar a linguagem humana a partir de algumas noções sobre o silêncio, “se os sentidos e as palavras não estivessem limitados pelo silêncio, o sentido das palavras já há muito teria dito tudo o que se pode dizer” (LE BOT, 1984, apud ORLANDI, 2007, p.71). Entendemos a presença e ausência de som, o silêncio e a palavra, como lugares legítimos no movimento de estruturação e constituição do sujeito.

Pretendemos discutir aqui as diversas possibilidades para o silêncio, olhando para ele não somente como movimento importante no processo de significações através da fala, mas também como lugar possível de constituição e estruturação, pelo que cala. Palavras e silêncios carregando em si diversas redes de significantes. Além, propomos um percurso na constituição do sujeito lacaniano e sua relação com o silêncio fundante, atentando para o fato de que este talvez devolva ao sujeito o que dele a palavra destituiu: a realidade de sua existência⁴ tocando as bordas do real.

Desta forma a presente pesquisa, de natureza qualitativa, de cunho teórico-prático, utilizou-se de estudo de caso, ocupando-se principalmente de material bibliográfico, revisitando os conceitos na teoria psicanalítica, mais especificamente nos seminários e escritos de Lacan, articulando-os com as vinhetas clínicas oriundas da prática clínica em fonoaudiologia.

Para tal pesquisa utilizamos algumas obras de Jaques Lacan por considerarmos fundamentais para a apropriação dos conceitos sobre Sujeito, Outro, Inconsciente, Real e Silêncio. Foram utilizados os seguintes textos desse autor: Escritos (1966), O Seminário, livro 2: *o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955), O Seminário, livro 3: *as psicoses* (1955-1956), O Seminário, livro 4: *a relação de objeto* (1956-1957), O Seminário, livro 5: *as formações do inconsciente* (1957-1958), O Seminário, livro 7: *a ética da psicanálise* (1959-1960), O seminário, livro 10: *a angústia* (1962-1963), O Seminário, Livro 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), O seminário, livro 12: *problemas cruciais para a psicanálise* (1964-1965), O Seminário, livro 14: *a lógica do fantasma* (1966-1967), O seminário, livro 16: *de um Outro a outro*. (1968-1969), O seminário, livro 17: *o avesso da psicanálise* (1969-1970), O seminário, livro 18: *de um discurso que não fosse semblante* (1971), O seminário, livro 19: *... ou pior*. (1971-1972), O seminário, livro 20: *mais, ainda* (1972-1973), O Seminário, livro 22: *R.S.I.* (1974-1975) e O Seminário, livro 23: *o sinthoma* (1975-1976).

Além da utilização de textos clássicos lacanianos fizemos uso de outros autores que contribuíram, ampliando ou esclarecendo os conceitos propostos e a articulação entre estes conceitos, mais especificamente convocamos: Sigmund Freud (1912, 1915, 1919, 1920 e

⁴ Utilizamos o termo ex-sistência tal qual Lacan a partir de Heidegger. No seminário 22: *R.S.I.* Lacan articula este conceito na sua relação com o Real, para falar de “uma existência separada de”, mas que insiste do lado de fora. Em outras palavras, a existência é simbólica e imaginária, é a maneira como organizamos a realidade do/no mundo. Já a ex-sistência é aquilo que escapa à existência, o que não se inscreve numa realidade simbólica/imaginária, é, portanto, de uma ordem real.

1921), Paul-Laurent Assoun (1999), Alain Didier-Weill (1997a e 1997b), Alain Vanier (2005), Roberto Harari (1990), Joel Dor (1989), Bruce Fink (1998), Juan-David Nasio (1993, 1997a, 1997b e 2010), Jean-Michel Vivès (2009 e 2012), Maurício Eugênio Maliska (2003, 2009 e 2012), Pedro Heliodoro Tavares (2013), Elisabeth Rudinesco (1998), Marco Antônio Coutinho Jorge (2005) e Eni Puccinelli Orlandi (2005 e 2007).

Quanto ao estudo de caso, traremos para esta pesquisa, a apresentação e análise de fragmentos, recortes ou ainda vinhetas da prática clínica de casos de sujeitos diagnosticados com Afasia, Afonia e Transtorno do Espectro Autista. Cabe ressaltar que esta classificação é adotada pela medicina e sua influência positivista culmina geralmente na valorização da doença. Nosso olhar e escuta, numa perspectiva psicanalítica, volta-se para o sujeito da linguagem e seu sintoma que, conforme Lacan (1998, p.270), é “ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada”.

Buscou-se analisar de que forma se dá o silêncio na constituição subjetiva tomando esses casos como norteadores da análise. As vinhetas serviram como forma de ilustração daquilo que está sendo discutido teoricamente, ou seja, as vinhetas serviram como um aporte material da teoria, contemplando o dizer de Freud (1912, p. 128) de que na Psicanálise “[...] pesquisa e tratamento coincidem”.

Para a análise, tomamos como lição Orlandi (2005) ao postular que essa delimitação não segue critérios empíricos, mas teóricos. Assim, eminentemente à luz da teoria lacaniana da constituição do sujeito, o corpus se limita à prática discursiva dos pacientes e seus familiares, extraída dessas vinhetas clínicas, já que nos propomos a investigar o silêncio na constituição do sujeito, e ainda, a partir da postulação de Lacan (1998, p. 873) segundo a qual “o sujeito com o qual a psicanálise opera é o sujeito da ciência” a discussão sobre a relação do silêncio fundante e do conteúdo manifesto, pelo movimento, pelo que fala e pelo que cala. Mais do que saber *o que* se fala, mais do que saber *quem* fala e *para quem* fala, interessa-nos a relação do silêncio em contraponto com a linguagem na constituição do sujeito, pois ambos dizem do sujeito, ambos dizem da sua estrutura e pelo discurso podem ter inúmeras funções e articulações.

Pretendemos, de forma teórica, ampliar a discussão sobre o silêncio na constituição do sujeito, mas atentamos que através desse estudo poderemos ter efeitos também no saber-fazer da prática clínica dos que intervêm diretamente com estes sujeitos. Cedo para falar, mais assertivos seremos se lembrarmos de Freud (1921, p.117) quando diz: “nunca se pode dizer até onde esse caminho nos levará; cede-se primeiro em palavras e depois, pouco a pouco, em substância também”. Portanto, faremos, e após o caminho percorrido, saberemos.

Nossa trajetória segue o seguinte percurso dissertativo: no capítulo 2 - *o sujeito e o Outro*, discorreremos sobre o processo de humanização demarcado pelo campo do simbólico, visitaremos a noção lacaniana de signo linguístico, tomada a partir das dicotomias de Saussure, a primazia do significante e o fluxo da cadeia de significantes na constituição do sujeito lacaniano, sua relação com o discurso e o desejo do Outro, a divisão e o desejo no sujeito, decorrentes dos processos de alienação e separação e o inconsciente estruturado como uma linguagem. No capítulo 3: *o Real*, pretendemos discorrer de forma breve sobre a topologia lacaniana do nó borromeano e os registros que formam a estrutura psíquica do sujeito. Discutiremos a importância do registro do Real na constituição do sujeito, localizando-o no como lugar do indizível; a relação entre o objeto perdido e a eterna busca pelo objeto, e como se dá o circuito pulsional; o impossível da representação e sua causalidade; o tempo do inconsciente. No capítulo 4: *o Silêncio*, aprofundaremos a questão do silêncio e sua característica fundante e constitutiva na relação com o sujeito, visitando anteriormente outros silêncios imersos em sentido; o grito como realidade material do silêncio indizível, a angústia e a noção de passagem ao ato. No capítulo 5: *considerações finais*, buscaremos responder a indagação inicial, objetivo da nossa escrita, tecendo os comentários que são fruto do percurso teórico proposto e sua relação com as vinhetas clínicas contempladas neste trabalho.

2 O SUJEITO E O OUTRO

Mas o que sou eu, então? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? Isto é uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente. [...] Enfim, sou o mesmo que sente, ou seja, que recebe e conhece as coisas como que pelos órgãos dos sentidos, porquanto de fato vejo a luz, ouço ruído, sinto o calor. Porém dir-me-ão que essas aparências são muito falsas e que eu durmo. Que assim seja; todavia, ao menos, é muito certo que me parece que vejo, que ouço e que me aqueço; e é propriamente o que em mim se chama sentir e isso, tomado assim precisamente, nada é senão pensar [...] (DESCARTES, 2000, p. 47-48).

Na perspectiva de Descartes o sujeito poderia ser identificado como sendo o eu, realidade irrefutável, existência assegurada pelo pensamento, entidade que não se poderia colocar à prova, pois a dúvida por si, já em sua formulação, seria o pressuposto da existência do sujeito. Postula, ainda, que a constituição do sujeito se dá pela racionalização consciente, marca de totalidade do ser, onde o único ponto de verdade e existência é o pensar. O sujeito existe pela certeza de seus pensamentos; tirada essa certeza o sujeito é um lugar vazio.

Na teoria psicanalítica, o sujeito não é o indivíduo nem o eu, nem tampouco é a entidade cartesiana debruçada sobre a racionalidade do ser: pensante, coerente, lógico e consciente. Para Lacan, este sujeito que se afirma e se confirma pelo pensamento cartesiano tem uma existência evanescente, explicada por Fink:

O sujeito cartesiano conclui que ele é toda vez que ele diz para si mesmo, “eu penso”. Ele precisa repetir para si mesmo “eu penso” para convencer-se de que existe. E, tão logo pare de repetir essas palavras, sua convicção inevitavelmente se evapora... (1998, p. 64).

Já na teoria saussuriana, o falante (Saussure em seus estudos não utiliza o termo sujeito), atua como agente do ato da fala, sem autonomia sobre a língua. Pode utilizá-la para produzir significados apenas se posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de sua cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual, ela preexiste ao ser. Como demonstra Saussure em seu Curso de Linguística Geral:

Ao separar língua e fala, separa-se ao mesmo tempo: o que é social do que é individual e o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. A língua não constitui, pois uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente [...] A fala é, ao contrário um ato individual de vontade e inteligência. (2006, p.22).

Saussure tomou a língua como objeto de estudo sem incluir, nas suas considerações, uma teoria concernente ao sujeito. Tomou-a como objeto em sua construção e seus processos sociais sem o compromisso com a construção do sujeito da linguagem. Cabe atentarmos para

o fato de que os movimentos da língua, ainda que arbitrários, acontecem no/pelo sujeito que fala, que falha, que cala. O sujeito, também aqui, tal qual em Descartes, é um lugar vazio.

Tomaremos alguns conceitos de Saussure que serão norteadores para entendermos a noção lacaniana de sujeito. Partiremos do conceito de signo linguístico, apresentado através de uma das dicotomias saussurianas relativas ao significado/significante. O conceito saussuriano de signo linguístico é definido como o resultado da união entre significado/significante, onde o significado é o *conceito/ideia* e o significante é a *imagem acústica*. Toda palavra que possui um sentido é um signo linguístico:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial [...] (2006, p.80).

Em outras palavras, para Saussure, conceito é sinônimo de significado, representação mental de um objeto ou de uma realidade. Por outro lado, a imagem acústica é o que no plano do som, manifesta a representação mental. Melhor dizendo, a imagem acústica é o significante. Com isso, temos que o signo linguístico é “*uma entidade psíquica de duas faces*” (Ibid., p. 80).

Para Saussure, uma palavra ou expressão só pode ser considerada como signo se apresentar as duas faces indissociáveis: não há vocábulo sem sentido e sentido sem vocábulo. Para esclarecer, o autor relaciona o signo linguístico a duas faces da mesma moeda ou duas páginas que constituem uma folha de papel, “estão intimamente unidos e um reclama o outro” (p.80).

Outro ponto importante na teoria de Saussure é a noção de valor que se origina da relação estabelecida entre um signo e os demais signos que se encontram ao seu redor, conforme o autor, “*na língua só existe diferenças*” (p. 139), ou seja, quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. Não existe a “positividade” de se definir um termo somente por si, assim:

O valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem se quer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe ao redor; línguas há em que é impossível dizer “sentar-se ao sol”. (2006, p. 135).

Como vimos, um signo é definido pelas diferenças que ele apresenta quando comparado com outros signos, e assim por diante. Estes signos têm um valor, e é este valor do signo que permite o contraste com outro signo e a sua definição.

Cabe destacar que para Saussure o valor do signo não corresponde à significação, pois neste último temos o valor tomado em seu aspecto conceitual, dicionarizado, isolado. O valor do signo deve ser entendido de forma contextualizada e sistêmica. Conforme Saussure:

Quando afirmo simplesmente que uma palavra significa alguma coisa, quando me atendo à associação da imagem acústica com o conceito, faço uma operação que pode em certa medida, ser exata e dar a ideia de realidade; mas em nenhum caso exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude. (2006, p.136).

Deste modo a noção de valor se constitui através das relações entre um signo e outro na cadeia da linguagem e a língua é um sistema de valores onde seus elementos se opõem uns aos outros. Na prática, vale lembrar, um elemento é o que o outro não é, e ainda, o valor do signo é o que melhor expressa a essência da língua.

Como podemos observar no percurso da obra de Saussure, em favor do estruturalismo da época, sua dedicação e atenção estiveram voltadas para a língua em sua forma estrutural e não nas relações dialógicas, o social aparece como convenção de regras no sistema linguístico.

Lacan, anos mais tarde, vai buscar na teoria de Saussure uma nova perspectiva para pensar a noção de inconsciente freudiano e de sujeito; retomando e desdobrando a noção de signo linguístico, reinventa a proposta original saussuriana, confere primazia ao significante e o descola do significado, demonstrando que este último, ainda que produzido arbitrariamente, realiza deslizamentos na cadeia de significantes. Conforme Dor:

Não se trata mais para Lacan, de aceitar a ideia de um corte que uniria o significante ao significado, ao mesmo tempo em que determina a ambos, mas de introduzir esta delimitação através de um conceito original que ele chama de ponto-de-estofa. Esta inovação é diretamente provocada pela experiência psicanalítica, que nos mostra que a relação do significante com o significado é, como menciona Lacan: “sempre fluida, sempre prestes a se desfazer”. [...] Em outras palavras, é aquilo por meio do qual o significante se associa ao significado na cadeia discursiva. (1989, p.39).

O signo linguístico, na perspectiva lacaniana, recebe uma característica ligada à supremacia do significante, pois para Lacan toda significação remete a outra significação, nunca cessando de gerar sentido; preconiza, desta forma, movimento deslizante nesta relação e a possibilidade do sentido estar sempre prestes a se desfazer pelo surgimento de outro sentido que possa advir. O ponto-de-estofa é a operação em que “o significante detém o

deslizamento, de outra forma indeterminado e infinito, da significação” (LACAN, 1966, apud DOR, 1993, p.39).

O discurso produz sentido por um efeito a posteriori, pela relação em cadeia de significante a significante através de pontos de encontro com o significado e deslizamentos contínuos gerando significação. Essa significação produz sentido, mas isso não quer dizer que o apreendemos, pois no sentido capturado o próprio sentido se desfaz e outro se constitui, gerando uma nova cadeia significante. Lacan explica a relação significante, significação e sentido:

[...] somente as correlações do significante com o significante fornecem o padrão de qualquer busca de significação... o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. [...] é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento. [...] impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante. (1998, p.505/506).

A linguagem é então fluxo da cadeia de significantes que se estende continuamente e constitui o sujeito, meio pelo qual ele se apresenta e se institui, ou seja, um significante representando o sujeito para outro significante. O próprio ato do “dizer” se impõe como advento do sujeito, no entanto, o “dito” é apenas um representante deste. Temos desta forma um sujeito descentrado de si, e além, localizado “entre” significantes, “entre” representações, no intervalo, lacuna estrutural da linguagem que diz do funcionamento dicotômico desse sujeito: senhor da sua fala, da sua verdade, mas que nela se perde, pela impossibilidade de dizer tudo, pela incompletude da linguagem. “*Sei o que eu digo é o que não posso dizer. É essa a data marcada pelo fato de Freud haver existido, e de haver introduzido o inconsciente*” (LACAN, 2009, p. 42), mesmo sem saber o que diz, ainda assim, sua causa deve ser procurada na linguagem. É um sujeito que fala e que, através deste ato, é também falado pelo atravessamento do Outro na sua constituição.

2.1 O OUTRO

[...] te construo
para que sejas palavra do meu corpo
me inicio
me anuncio
e me denuncio
Sabes agora para o que venho
e por isso me desconheces
(Mia Couto)

Lacan formula que o que pensamos ser, nossas perspectivas, projetos, desejos, capacidade de sermos diferentes ou nos mantermos os mesmos, não depende de nós, mas do Outro. Este Outro, tal qual referido por Lacan, não é um ser, uma entidade, mas sim, o lugar simbólico de determinação do sujeito, é o significante, a linguagem, o inconsciente.

Mesmo que eu não saiba o que eu digo [...] digo que a causa disso só deve ser buscada na própria linguagem. O que eu acrescento a Freud - ainda que isso já esteja em Freud, patente, pois o que quer que ele demonstre do inconsciente nunca é senão material de linguagem -, o que acrescento é isto: que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. (2009, p. 42).

Postulando o *inconsciente estruturado como uma linguagem* Lacan apropria-se da noção de significante articulando-a com a de sujeito e diz que *o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante*, ou seja, defende a dependência do sujeito à ordem dos significantes, que o determina antes do nascimento e depois de sua morte, por um discurso já lá, que é a marca da sujeição do ser pela linguagem, por meio da cultura e do social, sendo estes o campo do Outro. Conforme Lacan:

Os símbolos efetivamente envolvem a vida do homem numa rede tão total que conjugam, antes que ele venha ao mundo, aqueles que irão gerá-lo “em carne e osso”; trazem em seu nascimento com o dom dos astros, senão com os dons das fadas, o tropeço de seu destino; fornecem as palavras que farão dele um fiel ou um renegado, a lei dos atos que o seguirão até ali onde ele ainda não está e para além da sua própria morte; e através deles, seu fim encontra sentido no juízo final, onde o verbo absolve seu ser ou o condena. (1998, p. 280).

O lugar chamado por Lacan de Outro é definido precisamente como “tesouro dos significantes” (1998, p.820), lugar de todas as significações possíveis, lugar da linguagem e seus representantes. Conforme Lacan (2008a, p.193/194) “o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda *tudo* que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer”.

Na relação em cadeia o significante não é necessariamente algo que se acesse diretamente, pode ser, conforme Nasio (1997a, p.128) “uma palavra, um gesto, o detalhe de um relato, a inspiração de um poema, a criação de um quadro, um sonho ou mesmo um sofrimento ou ainda um silêncio”; o significante está ali, impõe-se como um saber inconsciente e sua manifestação independe da vontade do sujeito.

Este lugar de primazia dos significantes através do simbólico é que irá constituir o sujeito. É o lugar da linguagem preexistente ao sujeito, garantia da verdade pelo sentido dos significantes. Conforme Lacan:

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante *reduzindo* o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, *petrificando-o* pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito. (2008a, p. 203).

Esse campo do Outro, tesouro de significantes, já está presente antes mesmo do nascimento do sujeito. É sabido que a criança nasce banhada na linguagem, há ali um corpo real que é encoberto de simbólico, marcado com significantes pela incorporação da linguagem através da intervenção do Outro: os pais, o meio social, o contexto cultural, etc. Antes do nascimento é escolhido um nome para o bebê que vem carregado de significações, carregado de afetos e onde se projetam diferentes expectativas. O lugar da criança se encontra preestabelecido, delimitado no entorno da constelação parental em que está inserida, pelo desejo do Outro. Na definição de Fink:

[...] o Outro é essa linguagem estranha que devemos aprender a falar e que é eufemisticamente referida como nossa “língua materna”, mas que seria melhor ser chamada nossa “língua do Outro materno”: são o discurso e os desejos dos outros a nossa volta [...] (1998, p. 28).

Podemos pensar o bebê adentrando no universo da linguagem através das significações realizadas pelo meio no qual está inserido; vejamos o exemplo de Fink:

[...] quando um bebê chora, o sentido desse ato é dado pelos pais ou pelas pessoas que cuidam dele que tentam nomear a dor que a criança parece estar expressando (por exemplo: “ela deve estar com fome”). Talvez haja um tipo de desconforto geral, frio ou dor, *mas seu sentido é como que imposto pela forma como é interpretado pelos pais*. Se um deles responde ao choro do bebê com comida, o desconforto, o frio ou a dor, será determinado retroativamente como tendo “significado” fome, como as dores da fome. Não se pode dizer que o verdadeiro sentido por trás do choro era que a criança sentia frio, porque sentido é um produto posterior: respondendo constantemente aos gritos do bebê com comida pode-se transformar todos os seus desconfortos, o frio e a dor, em fome. Nessa situação, o sentido é determinado não pelo bebê mas por outras pessoas, e com base na linguagem que elas falam. (1998, p. 22/23).

Desta forma vai ocorrendo na criança a incorporação da linguagem através do Outro, de modo que uma necessidade inarticulada com seu meio e presentificada através do choro, passa a ser um desejo articulado com o significante dado a ele. Segue desta maneira até que este sujeito esteja completamente imerso na/pela linguagem e mais, constituído por ela. Porém não é mais o sujeito tal qual concebido por Descartes, temos aqui um sujeito dividido, (des)feito pela cadeia de significantes que o torna representação simbólica. Para Lacan:

[...] o significante, na medida que se produz no lugar do Outro (ainda não situado), faz surgir ali o sujeito do que ainda não tem a palavra, mas o faz às custas de cristalizá-lo.

O que lá estava pronto para falar [...] desaparece por não ser mais que um significante. (1998, p.854).

Há, portanto, um discurso que circula e que antecede a constituição de qualquer sujeito, é um discurso que inscreve o sujeito em determinada posição, que faz a sua história, que o constitui, ou seja, um sujeito constituído no campo do Outro. Lacan (1998, p. 529) define o inconsciente como sendo o "discurso do Outro" enquanto lugar e processo de criação do discurso, do desejo, do sujeito, tornando-se advento na divisão do sujeito pela linguagem.

2.2 O DISCURSO DO OUTRO

A gente sabe mais de um homem, é o que ele esconde.
(Guimarães Rosa)

Ainda que de forma simplista, pensemos no sujeito. Este que acredita ser o senhor do seu discurso, firme na crença de que suas formulações realmente são suas, de que a fala proferida é formulada e reconhecida como autêntica em sua criação, que acredita ter o comando pela intencionalidade do dito, suposto dono do dizer.

Esse sujeito se apropria da linguagem e sustenta-se através de representantes conscientes, simbolicamente constituídos. Sustenta-se e se desfaz, pela divisão que lhe é inerente através do advento do inconsciente, definindo parte de sua subjetividade como sendo da ordem do desejo, e o desejo como sendo o desejo do Outro.

Sobre as implicações dessa consequência da divisão do sujeito, Dor sintetiza:

Ao advir à linguagem, o fala-ser (parlêtre), que se constitui como sujeito dividido, aliena uma parte de seu ser no lugar do inconsciente, inaugurado por esta mesma divisão. Fundamentalmente, o desejo do sujeito não tem outra saída a não ser fazer-se palavra endereçada a outro. O sujeito do desejo, identificado ao sujeito do inconsciente, dissimula-se, então, sob a máscara daquele (sujeito do enunciado) a quem parece reportar-se esta palavra (dito), para não se fazer ouvir senão pelo outro a quem esta palavra se endereça em sua enunciação (dizer). (1989, p. 137).

O sujeito surge pela relação em cadeia de um significante a outro e ali se desfaz, ou seja, desaparece como sujeito do seu próprio discurso para ali estar representado simbolicamente, conforme aforismo de Lacan (1998, p. 277) “pela palavra, que já é uma presença feita de ausência, a própria ausência vem a se nomear”. Na presença da palavra o sujeito é neutralizado pela consciência à custa da impossibilidade de uma representação total, pela via do simbólico, no seu próprio discurso.

A trajetória que faz a criança constituir-se em sujeito através dos processos de simbolização e do desejo do Outro é da ordem do inconsciente. Engana-se quem pensa que o inconsciente é algo escondido, guardado nas profundezas do ser, ou ainda, que possa ser encontrado em qualquer lugar. O inconsciente tem localização, está na superfície, se encontra no mesmo lugar dos significantes, ou seja, lugar do Outro, e insistentemente atravessa a linguagem, como define Fink:

O inconsciente não é algo que se conhece mas algo que é sabido. O inconsciente é sabido *sem o saber* da “pessoa” em questão: não é algo que se apreende “passivamente”, inscrito ou contado. E esse saber desconhecido faz parte da conexão entre significantes. (1998, p. 42).

Justamente por essa conexão, podemos entender o inconsciente como uma cadeia de significantes que se repete, que não cessa e que insiste em produzir discurso e ser, ao mesmo tempo, produzido por ele. O inconsciente, para Lacan (2008a, p. 126), “é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante” e ainda, é estruturado como uma linguagem, o que significa, nas palavras de Dor (1989, p.100), que o inconsciente esteja, “ele próprio, igualmente submetido à ordem do significante”.

Ocorre então o aparecimento do inconsciente pelos tropeços da fala, pelas intenções malsucedidas, pelo dito que escapa à vontade do dizer, pelas formações do inconsciente: chistes, lapsos, sintomas, sonhos, atos falhos; fazendo com que se apresente uma outra cena desse lugar (Outro) que produz um outro sentido ou um sem sentido pela posição do sujeito desejante.

Estas formações do inconsciente são o “possível” do inconsciente, que em seu estado bruto é inacessível, se tornando possível em representação somente através de suas formações, que podem parecer falhas com relação à intenção, ou ainda, com relação ao sentido produzido, mas são bem sucedidas com relação ao desejo do inconsciente, e aparecerão por um atravessamento na linguagem. Para Dor:

Assim como o desejo manifesta-se sempre mascarado nas formações do inconsciente, assim também toda formação do inconsciente aparece, por excelência, como o que testemunha o reconhecimento do desejo. Mas trata-se igualmente de um desejo de reconhecimento sob uma forma significativa absolutamente incompreensível, o autor tendo perdido a chave que codifica seu discurso. (1989, p. 170).

Pela relação imbricada entre o discurso do Outro e a cadeia significativa que é transitória e intervalar, aparece no sujeito o encontro com a falta e a eterna demanda

desejante, para Lacan (2008a, p.209), “é lá que se inclina, é lá que desliza, é lá que foge como o furão, o que chamamos desejo”.

2.3 O DESEJO DO OUTRO

O que eu desejo ainda não tem nome.
(Clarice Lispector)

Podemos observar a partir dos estudos lacanianos a hiância ocupada pelo sujeito, dividido entre o ser e o sentido, mergulho no real, espaço vazio, e por esta razão, habitado pela falta. O sentido não comporta toda a constituição do sujeito e tampouco o sujeito tem sua existência totalmente definida de sentido. Para Lacan:

Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepada dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente. (2008a, p. 206).

Por uma ou outra escolha feita, ser sujeito ou fazer sentido, confirma-se sempre uma impossibilidade, um algo faltante, vazio constitutivo. E pela razão oriunda desse processo de busca por completude, pode-se testemunhar o movimento incessante do desejo daquilo que supõe apreender, mas que escapa. Resumida por Lacan (1985, p.242) na forma de ser ou não ser, na escolha, “logo que o próprio sujeito chega ao ser, ele deve a um certo não ser [...] e se ele não é [...] permanecerá sempre devedor dessa ausência [...] na falta de dar prova da presença”. Pela linguagem o sujeito busca significar o que está além do que se possa enunciar, busca encontrar o primeiro objeto de desejo que a partir do significante primordial se tornou objeto para sempre perdido. O significante, com efeito, constitui o sujeito fazendo-o desaparecer entre a cadeia, pois exatamente onde o sujeito é, jamais poderá ser representado.

Essa relação da constituição do sujeito pela dimensão simbólica e a eterna falta é testemunhada na experiência relatada por Freud (1920) através do jogo do *fort-da*, ao observar seu neto de 1 ano e 6 meses, durante as ausências da mãe, brincando com um carretel. Ao lançá-lo para longe de si a criança produzia o som *fort* (fora) e ao aproximá-lo enunciava *da* (aqui), num jogo de presença e ausência, que conforme Lacan (2008a, p. 67), “simboliza a repetição, mas não, de modo algum, a de uma necessidade que pediria o retorno da mãe [...]”. Através do carretel se dá a elaboração primeira da perda, que já não é propriamente a perda da mãe, mas sim a materialização do objeto *a*, o “resto” do processo de simbolização, para sempre perdido. O que o jogo do *fort-da* visa “é aquilo que, essencialmente, não está lá

enquanto representado [...]” (Ibid., p. 80). O desejo se relaciona com o significante e com a falta, incessantemente; sujeito dividido e sua relação com o objeto perdido.

Retomemos a questão do bebê que através do grito expressa uma necessidade que será interpretada pelo Outro e banhada por ele de significante na busca da satisfação dessa necessidade. A partir do momento em que esta é parcialmente satisfeita, e conforme Dor (1989, p. 141) pela “experiência da satisfação”, a necessidade passa a ser uma demanda, que ao ser frustrada irá se tornar um desejo. Na matriz da relação mãe-bebê, o desejo do sujeito encontra sua forma e estrutura-se inconscientemente pelo desejo do Outro. Essa identificação do desejo do sujeito com o de um outro não se completa nem se dissolve, apenas busca completude pela dinâmica da repetição através da cadeia estruturada pelos significantes. Para Dor:

Uma conclusão impõe-se então: não existe, em última análise, satisfação do desejo na realidade. Apesar das acomodações discursivas que levam a evocar a “satisfação” ou “insatisfação” do desejo, a dimensão do desejo não tem outra realidade que não na realidade psíquica. É a pulsão que encontra (ou não) um objeto de satisfação na realidade, o que ela pode fazer precisamente em função do desejo, a propósito do qual Freud insiste em nos dizer que ele mobiliza o sujeito em direção ao objeto pulsional. Mas, como tal, o desejo não tem objeto na realidade. (1989, p.141/142).

A busca de completude através do desejo do Outro não consegue realizar a tarefa da satisfação completa porque nenhum objeto que se idealize para desejar vai ser capaz de saciar completamente o desejo. Isso porque não há um objeto único que satisfaça plenamente a pulsão⁵, de modo que sempre haverá um resto de desejo insatisfeito, uma falta que moverá o sujeito na busca por outro objeto. Fink (1998, p.77) explica que à luz da teoria lacaniana “a falta e o desejo são coextensivos”, o desejo busca incessantemente o que falta, mas a falta insiste num eterno retorno.

Cabe ressaltarmos que a constituição do sujeito, sua imersão pelo Outro no campo da linguagem, processo que buscamos explorar nesta seção, se dá ancorada em duas operações lógicas fundamentais desenvolvidas por Lacan no Seminário 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*; alienação e separação, que fundam a noção de sujeito e fundamentam o aforismo lacaniano do inconsciente estruturado como uma linguagem.

⁵ Definida como “conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal”. (FREUD, 2013, p.25).

A alienação é o processo que constitui o sujeito a partir do discurso do Outro, e o divide pela ordem da cadeia significante, ou seja, o constitui e o faz desaparecer, é forçado entre ser e fazer sentido, como explica Lacan:

Trata-se do *vel*⁶ da primeira operação essencial em que se funda o sujeito [...] que podemos chamar *alienação* [...] que condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, articular suficientemente ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise*⁷. (2008a, p. 205).

Há um significante primeiro que tomado pelo ser no campo do Outro, lugar de todos os significantes, junta-se a outro significante para daí se fazer significar. Desse lugar entre significantes, no intervalo, materializa-se o vazio da existência, no mesmo instante da fundação do sujeito. S₁, o significante primeiro, ao ligar-se a S₂, marca a fundação do sujeito e seu desaparecimento na cadeia de significantes que através do sentido, venha constituí-lo. Conforme Lacan:

O *vel* da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há, na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência *um nem um, nem outro* [...] é da natureza desse sentido, tal como ele vem a emergir no campo do Outro, ser, numa grande parte de seu campo, eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significante. (2008a, p. 206).

Pensar na divisão que se dá no sujeito ao advir na/pela linguagem é deparar-se com sua falta, é perceber um saber e um não saber constitutivo, característico do humano, que o faz adentrar no sentido, ainda que haja no movimento deste a denúncia de algo perdido e jamais sabido, que empurra o sujeito “desejo do Outro” a implicar-se com o seu desejo, de onde teremos o segundo processo da lógica lacaniana: a separação.

Através do processo de separação e resultante da interseção entre o sujeito e o Outro, temos um lugar vazio, um nada, que virá a ser ocupado por um “resto” produzido pela simbolização, denominado objeto *a*, objeto perdido, objeto causa do desejo, que para Lacan:

⁶ Palavra latina que significa “ou”. É apresentada por Lacan (2008a) ao utilizar a teoria dos conjuntos para explicar a operação lógica da alienação através do conceito matemático de reunião. A implicação dessa reunião é a escolha, em que “o que resta, de qualquer modo, fica desfalcado”. (LACAN, 1998, p. 855).

⁷ “Termo derivado do grego (*aphanisis*: fazer desaparecer), introduzido por Ernest Jones em 1927 para designar o desaparecimento do desejo e o medo desse desaparecimento, tanto no homem quanto na mulher (...). Em 1963, Jacques Lacan criticou essa noção, para situar a abolição na vertente de um esvaecimento (ou *fading*) do sujeito”. (ROUDINESCO, 1998, p.8-9).

[...] é o que resta de irredutível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro, e é a partir daí que ele assume sua função.

Na medida em que ele é a sobra, por assim dizer, da operação subjetiva, reconhecemos estruturalmente nesse resto, por analogia de cálculo, o objeto perdido. É com isso que lidamos, por um lado, no desejo, por outro, na angústia. (2005, p. 179).

Esse objeto perdido será sempre a causa do desejo que impulsionará o sujeito, levando-o à repetição, de objeto a objeto, confirmando a falta e produzindo o deslocamento na cadeia significante na busca de completude pela linguagem. Esse ato simbólico, impossível de completude, transforma o ser em sujeito desejante de um objeto eternamente faltoso. Lacan, no Seminário 2: *o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*, traz a relação entre desejo e falta:

O desejo, função central em toda experiência humana, é o desejo de nada que possa ser nomeado. É, ao mesmo tempo, este desejo que se acha na origem de qualquer espécie de animação. Se o ser fosse apenas o que é, não haveria nem sequer lugar para se falar dele. O ser se põe mesmo a existir em função mesmo desta falta. É em função desta falta, na experiência de desejo, que o ser chega a um sentimento de si em relação ao ser. É do encaço deste para-além, que não é nada, que ele volta ao sentimento de um ser consciente de si, que é apenas seu próprio reflexo no mundo das coisas. Pois, ele é o companheiro dos seres que estão aí diante dele, e que, com efeito, não sabem que são. [...] Ele diz – *Eu sou aquele que sabe que sou*. Infelizmente, mesmo que ele saiba que é, não sabe absolutamente nada daquilo que é. Eis o que falta em qualquer ser. (1985, p. 281).

Temos até aqui o estudo lacaniano marcado pela ênfase no chamado registro simbólico e a linguagem sinalizando a marca daquilo que escapa, da falta constitutiva do sujeito. Para Lacan este lugar que escapa à representação necessária ao sujeito, encontra-se no registro do real. Conforme Harari (1990, p. 79), “para que algo possa chegar a ser dito, outra coisa, por sua vez, tem que permanecer inevitavelmente não dita. É aqui que aparece o registro do Real. A verdade é real, porque é impossível de ser dita toda”, infindável falta, busca eterna, pois “a verdade, nesse sentido, é aquilo que corre atrás da verdade” (LACAN, 1998, p.184).

Podemos articular, a partir das operações de alienação e separação, constitutivas do sujeito faltoso, a noção de um circuito pulsional⁸ visto por duas faces: uma face simbólica da pulsão, representada pela demanda do Outro no falasser⁹ e seu valor de verdade; e uma face real da pulsão, representada pelo organismo vivo, o desejo, os objetos pulsionais relacionados

⁸ Lacan no O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, afirma que o circuito pulsional é o movimento de contorno ao objeto *a* que se dá por repetição. Conforme o autor, repetição de um fracasso, pois é o encontro com a falta.

⁹ Termo utilizado por Lacan em seus últimos estudos, onde o sujeito linguageiro da cadeia de significantes se faz corpo pelo efeito de sua fala. Distingue o termo parlêtre (ser que se faz pela fala) de par la lettre (feito pela letra).

ao gozo. Este processo se dá por constante repetição na relação do sujeito com o objeto perdido, evidenciando a lógica do vazio. Este movimento em circuito não tem localização precisa no corpo, mas ocorre por suas bordas, “as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer“ (LACAN, 2007, p.18) e mais, há um além-dito que não encontra pouso na palavra, o furo, que faz do circuito pulsional, fracasso e repetição constitutivos, “o que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém que ela se estrutura” (LACAN, 2008a, p. 175). Aqui o sujeito faz trajeto de idas e vindas em torno do objeto perdido e a pulsão, que é pulsão do nada, é o que narra essa trajetória, representada no inconsciente, a partir do significante. Conforme Lacan:

As pulsões são nossos mitos, disse Freud. Não se deve entender isso como uma remissão ao irreal. É o real que elas mitificam, comumente, mitos: aqui, aquilo que produz o desejo, reproduzindo nele a relação do sujeito com o objeto perdido. (...) as identificações determinam-se ali pelo desejo, sem satisfazer a pulsão. Isso porque a pulsão divide o sujeito e o desejo, o qual só se sustenta pela relação, que ele desconhece, dessa divisão com um objeto que a causa. (1998, p. 867).

A pulsão banha-se e ganha forma na rede de significantes, registro do simbólico, por onde se faz existir, mas tem localização do lado de fora onde faz silêncio e se faz insistir, morada no registro do real, lugar de repetição pela eterna falta, sobre a qual dissertaremos a seguir.

3 O REAL

[...] eu tenho à medida que designo - e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem. (LISPECTOR, 1990, p.180).

Neste capítulo pretendemos trazer algumas considerações sobre a configuração dos registros da estrutura psíquica na constituição do sujeito, buscando definir cada registro (real, simbólico e imaginário) e abordando como se dá o nodeamento entre eles. Cabe ressaltar que nossa atenção estará voltada mais especificamente para o registro do real, para o desejo e as pulsões, para as relações de causalidade e a forma como se configura o tempo na experiência com o indizível.

3.1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LACANIANO E O NÓ BORROMEANO

Na perspectiva lacaniana o sujeito é descentrado de si, constituído na/pela linguagem através do discurso do Outro, tesouro de significantes, portanto sujeito do inconsciente. A constituição do sujeito lacaniano é representada pelo entrelaçamento de três registros: Real, Simbólico e Imaginário. Este entrelaçamento é definido topologicamente por Lacan como sendo o nó borromeano, que configura a articulação entre estes registros e diz da estrutura psíquica do sujeito. Se um dos elos encadeados se desfaz, todos se desconstituem, “a secção de qualquer um libera todos os outros” (LACAN, 2007, p.30), fato que aponta, conforme o autor, para a relevância de cada registro e para a importância da conexão que se dá entre eles:

O caráter fundamental dessa utilização do nó é ilustrar a triplicidade que resulta de uma consistência que só é afetada pelo imaginário, de um furo como fundamental proveniente do simbólico, e de uma ex-sistência que, por sua vez, pertence ao real e é inclusive sua característica fundamental.

Esse método, posto que se trata de método, apresenta-se como sem esperança – sem esperança de romper de maneira nenhuma o nó constituinte do simbólico, do imaginário e do real. (2007, p. 36).

A topologia do nó borromeano situa a formação do aparelho psíquico no nodeamento, na ligação em cadeia entre os registros, própria à estrutura. Temos desta forma uma estrutura psíquica caracterizada pela urdidura dos três registros (real, simbólico e imaginário) formando uma unidade que não mantém relação entre si, mas que existe somente a partir desta

configuração. Para Lacan, é esta articulação entre os registros que sustenta a construção mítica do sujeito:

Esse nó, qualificável de borromeano, é insolúvel sem que se dissolva o mito do sujeito – do sujeito como não suposto, isto é, como real – que ele não torna mais diverso do que cada corpo que assinala o falasser, cujo corpo só tem estatuto respeitável no sentido comum da palavra, graças a esse nó. (2007, p.37).

O campo do simbólico é o campo da linguagem. É estrutura, envolvendo aspectos conscientes e inconscientes da constituição do sujeito. Na teoria lacaniana o inconsciente se estrutura como uma linguagem exatamente porque através dos atos falhos, lapsos, sonhos e sintomas, significantes surgem e sentidos são gerados, caracterizando o sujeito como efeito da linguagem.

Porém Lacan adverte que o registro do simbólico não dá conta de todo sentido, de um significante a outro significante efeitos de sentido são produzidos que geram insistentemente cadeias de significantes em função de lacunas no significar, daí o caráter fundamental desse registro: o furo, a falta, o deslizamento de sentido que o simbólico não sustenta.

Em contrapartida, este sentido que desliza é sustentado pelo registro do imaginário, consistência no nodeamento, como tudo aquilo que é corporificado, captado e internalizado pelo ser humano. Para Lacan:

[...] se o homem chega a pensar a ordem simbólica, é por estar primeiramente aprisionado nela em seu ser. A ilusão de que ele a formou com sua consciência provém de ter sido através de uma hiância específica de sua relação imaginária com o semelhante que ele pode entrar nessa ordem como sujeito. (1998, p. 57).

Já o registro do real se dá no nodeamento e no efeito deste com os outros dois registros, conforme Lacan:

Ao sistir [*sistir*] fora do imaginário e do simbólico, o real colide, movendo-se especialmente em algo da ordem da limitação. A partir do momento em que ele está borromeamente enodado aos outros dois, estes lhe resistem. Isto quer dizer que o real só tem ex-sistência, ao encontrar pelo simbólico e pelo imaginário, a retenção. (2007, p. 49).

A partir das concepções de Lacan, sobre os três registros da estrutura psíquica do sujeito, podemos pensar esquematicamente como se dá o sentido em cada um deles. No registro Imaginário o sentido é *unívoco, sem ambiguidades*, percepção interna do externo, “[...] imagem do corpo sem a mediação da palavra [...] o que faz com que sejam anulados os limites e as diferenças entre o sujeito e o outro como semelhante”. (JORGE e FERREIRA,

2005, p. 35). No registro Simbólico o sentido aparece marcado pela polissemia, o *duplo sentido*, “[...] nele o equívoco e o mal-entendido formigam”. (JORGE e FERREIRA, 2005, p. 36), já no registro do Real o que se apresenta é o *non sense*, o *sem sentido*.

O registro do real está presente, do lado de fora, insistindo e escapando pela impossibilidade de simbolização, puro sem sentido. “O impossível é o real” (LACAN, 2008d, p.360). É o impensável, indizível e, ainda assim, está ali.

3.2 O OBJETO PERDIDO E O DESEJO QUE NÃO CESSA

O queres estares sempre a fim, do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal. Bem a ti, mal ao queres assim
Infinidamente pessoal, e eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total do querer que há, e do que não há em mim
Ah! Bruta flor do querer
(Caetano Veloso, 1984.)

A partir da simbolização primordial, que se dá pela linguagem e marca a formação do sujeito lacaniano, ocorre, como vimos duas operações: alienação e separação. Através do processo de alienação temos a denúncia de um sujeito para sempre dividido, e através do processo de separação, a denúncia da busca por uma satisfação jamais alcançada. Como resultado então, aparece a falta que cinde o sujeito e o confirma como eterno sujeito faltoso.

Surge desta hiância o lugar do impossível da representação, inominável, de vazio, que aponta para o registro do real e da sua insistência, ainda que do lado de fora, de se fazer existir, num processo constante de repetição. Para Nasio (1993, p.93), “o objeto *a* é, enfim, um artifício do pensamento analítico para contornar a rocha do impossível: transpomos o real ao representá-lo por uma letra”. Para o autor o objeto *a* é o resto da operação de simbolização e se apresenta de forma distinta da cadeia simbólica:

[...] o objeto *a* como aquilo que é heterogêneo à rede do conjunto significante. Ou seja, o sistema produz alguma coisa excedente que lhe é heterogênea ou estranha. Essa produção é uma operação similar, embora de ordem inteiramente diversa, à da exteriorização do significante S_1 . No que concerne ao objeto, não falarei mais de elemento externo, mas de produto residual, de um "excedente" do sistema. (1993, p. 96).

Este resto na operação, este objeto perdido insistirá para sempre como objeto causa de desejo daquilo que não se realizará por escapar entre as redes de significantes a partir de S_2 e pela pulsão, conceito articulado por Lacan a partir das contribuições freudianas, que legitima a divisão do sujeito. “É o reconhecimento da pulsão que permite construir, com mais certeza,

o funcionamento dito, por mim de divisão do sujeito, ou de alienação”. (Lacan, 2008a, p. 235).

Lacan denomina o objeto *a* como sendo o resto produzido pela simbolização, a sobra da operação lógica de alienação e separação. Nessa experiência do sujeito com seu desejo incessante o *a* é a variável do nada, objeto nenhum, objeto sempre ausente, impossível de representação, é o que faz furo e convoca o sujeito a nele engendrar-se, como explica Nasio:

O objeto *a* é o furo da estrutura, se vocês o imaginarem, de fato, como a fonte de uma força aspirante que atrai os significantes, que os anima e dá consistência à cadeia. Ora, quando conseguimos imaginar o objeto como um furo tão vivo assim, é a imagem do gozo [...] que se apresenta diante de nós. (1993, p.97).

A cadeia que se abre pela simbolização leva mais e mais o sujeito ao desejo da busca que o lança para fora da cadeia no encontro com a falta, de onde é relançado ao desejo, surgindo desta forma o circuito pulsional. A pulsão, que pelo corpo se faz gozo, faz com que este busque romper com a falta, trazendo a ilusão de completude ao sujeito, porém este gozo estará para sempre interdito pela linguagem. Segundo Vanier:

O gozo não é nem o prazer freudiano, nem o desejo, nem a satisfação. É preciso compreendê-lo sobre um fundo jurídico, por exemplo, no sentido de que se tem o usufruto de um bem, salvo que ter o usufruto compreende um limite que é o de não dilapidar o capital. (2005, p. 92).

Tal qual ocorre na área jurídica o sujeito faz uso e goza, porém não dispõe do objeto causa de desejo. O objeto *a*, lugar de vazio, é borda que pulsa no corpo e faz furo com o nada da significação, “essência do sujeito: porque o desejo vem do Outro e o gozo está do lado da Coisa” (LACAN, 1998, p. 867) e ainda, conforme Nasio (1993, p.97) é o que “move o inconsciente e o faz trabalhar”.

Desta relação com a falta surge o movimento propulsor do sujeito desejante, a pulsão, intimamente ligada à constituição do sujeito, sua entrada na linguagem e sua divisão. É reconhecida como trajeto que circunda o objeto faltoso de forma recorrente buscando capturá-lo, constitui-se “por atingir sua satisfação, sem atingir o seu alvo” (LACAN, 2008a, p. 176), pois o que se apresenta é o vazio e a satisfação se dará no contorno deste vazio e no eterno retorno pelo circuito pulsional.

Das possíveis traduções do vocabulário freudiano *Trieb* até sua definição, o conceito de pulsão deve ser tomado em toda sua amplitude para não correremos o risco de reduzirmos sua complexidade a uma necessidade ou instinto somente. Para isso tomaremos as palavras de Tavares:

Se em seu curso a pulsão seria pura *im-pulsão* ou *pro-pulsão*, na direção de um objeto em busca de sua satisfação, a “reversão em seu contrário”, como no caso do amor e do ódio, faria da pulsão uma *re-pulsão*. Quanto ao “retorno em direção à própria pessoa”, esse se caracterizaria pela *retro-pulsão*. O “recalque”, como rejeição de uma representação, seria de certo modo, sua *ex-pulsão*, enquanto certas manifestações de “sublimação” beiram às *com-pulsões*. Escutemos, pois, em nossa língua, as pulsações dessa força impelente e constante. (2013, p. 87, grifo nosso).

Podemos entender as pulsões como impulsos energéticos que através de zonas do corpo, direcionam e determinam o sujeito em ato, podendo ser vistas como as forças propulsoras que movem o psiquismo. Conforme Freud (2013, p.27), “devemos supor quanto às diferentes pulsões, que se originam no corporal e atuam no anímico” e que basicamente se constituem a partir de quatro elementos: *pressão, meta, objeto e fonte*. Sendo toda pulsão ativa, a *pressão* é a sua atividade. A *pressão* é a força, é a medida de trabalho empregada; a *meta* é a busca por satisfação, redução da tensão causada pela pressão; o *objeto* é qualquer coisa que busca alcançar sua meta, é o que se mostra mais variável na pulsão e *fonte* da pulsão é o processo que ocorre num órgão ou parte do corpo.

De acordo com Vanier (2005), são identificados dois objetos principais para a pulsão segundo Freud: o seio (pulsão oral) e as fezes (pulsão anal), mais tarde um terceiro, o olhar (pulsão escópica), adiciona-se a eles, a partir de Lacan, um quarto objeto: a voz (pulsão invocante).

O olhar e a voz constituem dois operadores importantes na estruturação do sujeito com relação ao seu processo de constituição e de subjetivação. Tomemos as palavras de Assoun (1999, p. 16) quando diz que “fundamental é compreender [...] como desta materialidade incorpórea, surge um certo objeto: o que colocado em ato pelo olhar, lhe escapa; aquele que invocado pela voz, aí se furta”, temos do ato então, algo que cai, não simbolizável, portanto da ordem do real. Há um corpo real, que entre ser olho e se fazer olhar, ser laringe e se fazer voz, paira em suspensão de vazio pela falta do significante que o denuncie.

3.3 O IMPOSSÍVEL DE REPRESENTAÇÃO

Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.
(José Saramago)

A característica primeira do ser está vinculada ao indizível, um “não sei quê” que a palavra não alcança, um tempo anterior à linguagem, um tempo anterior à fala, corpo ainda não constituído de simbólico, lugar que a representação não alcança. Para Lacan (1985, p.127), é o que “*não cessa de não se escrever*”. A este lugar foi dado o nome de real e a ele

foi conferido duplo estatuto: o de ser impossível de significação e o de não parar de não se incluir ao significante para dele escapular. Temos em Lacan a definição de Real:

[...] o Real se afirma por um efeito do qual não é o mínimo afirmar-se pelos impasses da lógica. O que no início [...] a lógica se propunha não era nada menos que a malha do discurso na medida em que ela se articula, e que, ao articular-se, essa malha deveria fechar-se num universo que supostamente encerrasse e recobrisse, como uma rede, o que podia existir daquilo que era conhecimento oferecido. [...] o que se opõe ao completo fechamento do discurso, à exaustão da lógica, o que introduz uma hiância irreduzível. É aí que designamos o Real. (2003, p.36-37).

Evocar o real traz consigo a impossibilidade em definir a constituição desse registro, pelo indizível e pelo inacessível, pois a palavra não dá inteiramente conta da falta. É, por exemplo, o corpo da criança, organismo vivo, reconhecido pelo corpo, mas ainda um sem sentido antes¹⁰ de adentrar o mundo simbólico, antes das simbolizações advindas do sujeito. Este “corpo” num processo desencadeador de faltas e conseqüentemente do desejo é tomado por representações simbólicas criando desta maneira a realidade. Conforme Maliska:

Quando um infans chora ou grita, escutamos apenas um som, que nos incomoda e nos faz, ou faz a mãe, significar esse grito, dar um significado a esse som. Aí se instala, via Outro, a dimensão do desejo, que faz desse infans um ser desejante quando ele é desejado por alguém que vai nomear esse choro [...] O significante se faz presente pelo seu caráter inevitável. Há nesse grito uma falta, a ausência de algo que jamais será sabido, pode ser apenas suposto [...] o significante dá existência à carne; através do simbólico, inscreve-a na realidade. (2003, p.53/54).

Temos, através do registro do simbólico, a criação de uma realidade que neutraliza o registro do real, excluindo-o, sendo que este antecede a linguagem e pela impossibilidade de ser representado, não existe, já que a existência prescinde de simbolização. Porém Lacan (1998, p.390) adverte que “o que não veio à luz do simbólico aparece no real”, reconhece sua ex-sistência, esse fora que não é um não dentro e o define:

[...] o real não espera e não espera nomeadamente o sujeito, já que nada espera da fala. Mas está ali, idêntico à sua existência, ruído onde tudo se pode ouvir, e prestes a submergir com seus estrondos o que o “princípio de realidade” constrói nele sob o nome de mundo externo. (1998, p.390).

¹⁰ Essa anterioridade a que nos referimos não tem relação com um tempo cronológico, quantificável, dividido, localizado linearmente sob a forma de passado, presente e futuro, mas de um tempo lógico referido por Lacan (1998) como o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir e que diz do funcionamento do aparelho psíquico.

Pela cadeia de significantes o sujeito é constituído, porém pelo mesmo processo é destituído de ser sujeito para ser significante; conforme Lacan (1998, p.391) “nessa realidade que o sujeito tem que compor segundo a gama bem temperada de seus objetos, o real, como suprimido da simbolização primordial, *já está presente*”.

Quando Lacan (1998, p.521) diz: “eu não sou lá onde sou brinquedo de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar” ele atesta a impossibilidade de completude do sujeito pelo registro simbólico e sinaliza que os deslizamentos que rompem a barreira da repressão dizem de um lugar além-palavra, que localiza o sujeito, inscrevendo-o onde ele julga não estar.

Na definição de Nasio (2010, p. 149), “*o percurso do impossível é... o percurso do sujeito*”, ideia que retira o sujeito da posição indefectível assumida, conferindo-lhe uma única certeza, de ser evanescente. O sujeito se desfaz na tentativa primeira de se fazer existir pela palavra, e no momento em que se perde ele vem a se encontrar com o mais humano de si. Os estudos lacanianos nos mostram que o real é impossível e que no impossível ocorre a causa do sujeito. Para Lacan:

[...] cada vez que falamos de causa há sempre algo de anti-conceitual, de indefinido. As fases da Lua são a causa das marés – quanto a isto, é claro, sabemos que neste momento a palavra causa está bem empregada. [...] Isso não quer dizer nada, há um buraco e algo que vem oscilar no intervalo. Em suma, só existe causa para o que manca. (2008a, p.29).

A urgência por completude do sujeito da linguagem surge no espaço intervalar da cadeia significante, pois nesse lugar de ordem simbólica, ao mesmo tempo ele é constituído e destituído, pela falha, pelo impossível da representação, lacuna que jamais será preenchida e que remete à causa do eterno retorno, impulsionando a experiência humana.

3.4 A CAUSA DO IMPOSSÍVEL

Digo: o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. (Guimarães Rosa)

O Real, por ser impossível, é o lugar da falta, da hiância, da fugacidade do sujeito. Lugar de onde a causa faz emergir a falta infindável de recobrir de significantes e dar consistência ao ser. A seguir trazemos uma vinheta clínica para ilustrar que é na falha da significação que ocorre a causa, capturada pelas pontas de Real.

J. adentra a recepção de forma apressada e descoordenada como era de costume, joga-se na poltrona ao lado de algumas revistas e livros, levanta-se rapidamente, manipula

alguns objetos sem qualquer intencionalidade de uso, senta-se novamente, pega o livro que por vários encontros vem sendo o seu “preferido”, atira-o no chão, como sempre; levanta-se, junta o livro, coloca-o no lugar, cheira a secretária e... senta-se “aliviado”, passando-nos a sensação de missão cumprida. No íterim de todo ato de J. há somente silêncio denunciando o vazio de um sem sentido. Junte-se a cena, a narrativa da mãe de J. que a cada ação da criança trata de “significar” o ocorrido detalhadamente. Cumpre-se, dessa forma, o ritual que acontece nos últimos cinco encontros. Ritual silencioso de J. Ritual de representações de sua mãe. Rotina vazia de ambos.

A causa não obedece a uma regra, uma regularidade da lei, ela acontece exatamente na falta do significante, no tropeço da significação, no momento da falha pela linguagem, na oscilação do intervalo entre significantes. Nesse furo de real, é a Coisa definida por Lacan (2008b, p.165) como “um vazio em torno do qual algo se organiza”, insistindo, mas que não consegue organizar. Na perspectiva lacaniana a coisa causa, mas por ser da ordem do indizível necessita do significante que lhe dará sentido, porém denunciará a falta. Maliska nos explica esta relação:

A causa nos remete a tocarmos, por mais sutil que seja, na questão da origem e também da falta. O significante é a presentificação de uma falta, é chamado a se fazer presente denunciando a ausência daquilo que seria a coisa em si. (2003, p.55).

A Coisa é tomada aqui como o inassimilável, indizível, denominada por Freud, como *das Ding*, conceito trabalhado no Seminário 7: *a ética da Psicanálise* de Lacan (2008b, p. 70) onde “*das Ding* é originalmente a que chamaremos de o fora-do-significado”. A Coisa não se explica pela relação do sujeito com a linguagem, tampouco encontra pouso na palavra. Ela é o que expulsa o sujeito do lugar da significação, lançando-o no vazio da falta que o faz significar:

[...] *das Ding* não está na relação – de algum modo refletida, na medida em que é explicitável – que faz o homem colocar em questão suas palavras como referindo-se às coisas que, no entanto, elas criaram. Há outra coisa em *das Ding*. (2008b, p. 60).

Essa outra coisa que há em *das Ding*, da qual o sujeito não se apropria por constituir um fora que insistentemente se faz presença, tem localização e é caracterizada pelo indizível. Conforme Lacan (2008c, p. 198) “nesse lugar que chamamos de inconsciente, enuncia-se uma verdade que tem a propriedade de nada podermos saber dela”; é o modo primeiro do aparecimento do Real. Este inominável que insiste:

Digamos, hoje, que se ela [*das Ding*] ocupa esse lugar na constituição psíquica que Freud definiu sobre a base temática do princípio do prazer, é que ela é, essa Coisa, o que do real – entendam aqui um real que não temos ainda que limitar, o real em sua totalidade, tanto o real que é o do sujeito, quanto o real com o qual ele lida como lhe sendo exterior – o que, do real primordial, padece do significante. (LACAN, 2008b, p. 144).

A noção de realidade surgida da urgência de ordenar o mundo pela palavra vem para sustentar e confirmar o sujeito como tal, dividido. Pelos significantes o sujeito faz falar o mundo, mergulhado na linguagem e nas leis que o antecedem, organizando-o, orientando-o, mas também denunciando um mais além inacessível. A ausência do significante remete o sujeito ao caos desprovido de sentido, retorno à Coisa. Tal qual na metáfora do oleiro, introduzida por Lacan, o significante cria bordas que delimitam e localizam o vazio:

Ora, se vocês considerarem o vaso, na perspectiva que inicialmente promovi, como um objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real que se chama a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se, efetivamente, como um *nihil*, como nada. E é por isso que o oleiro, assim como vocês para quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão. O cria assim como criador *mítico*, *ex nihilo*, a partir do furo. (2008b, p.148).

J. é um menino de 04 anos, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista, de comportamento motor estereotipado, linguagem rudimentar emergente a partir de suas necessidades e simbolismo limitado a essas necessidades. Até aqui, J. não desenvolveu linguagem oral e se mantém “encapsulado” no seu mundo, de onde surge o lugar da origem e da falta, presentificada na fala da mãe, pela premência da representação, durante a ação de J. Não é ausência nem presença, é *ex-sistência* que não significa, mas também não é um nada. A mãe tenta traduzir o ato, tenta representar o sem sentido, fala de um vazio sem conseguir delimitá-lo. A mãe de J. não se coloca como o oleiro, buscando dar bordas ao vazio que se apresenta, através da rede de significantes. O vaso não se forma e o que temos dessa experiência é o que Lacan (1998, p. 255) conceitua como uma *fala vazia*, delatando o caos, sendo esta fala “seu aspecto mais ingrato [...] em que o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará a assunção de seu desejo”. Metaforicamente é como se a linguagem, no caso dessa mãe, se fizesse muro e não caminho possível de desejo na realização da sua história, um refúgio imaginário atravessado por um monólogo vazio de sentido. É preciso que ela abandone esse dizer vazio, através do sentido, para que o símbolo retome seu valor fundador no reconhecimento do humano.

Aqui podemos observar que o poderio da palavra tem a tarefa de engendrar a nodulação entre real, simbólico e imaginário, compondo o possível de mundo humano e denunciando o (in)mundo do abismo, que desata o nó. Para Didier-Weill:

[...] a uma concepção em que, desde a origem, o dizer, clivado entre o bem-dizer e o mal-dizer, engendra ao mesmo tempo um mundo de palavras, em que as coisas são atadas, e um mundo de silêncio absoluto, em que elas são desatadas. (1997, p.52).

Os pais de J. passaram por vários especialistas (pediatras, neurologistas, psiquiatras) até chegarem ao diagnóstico de autismo. Passado o susto (termo utilizado por eles no nosso primeiro encontro) buscaram atendimento em psicologia e fonoaudiologia, seguindo as orientações do neuropediatra. Chegaram para uma conversa inicial juntamente com J., menino de 4 anos, bem arrumado e perfumado, literalmente agarrado na perna da mãe ao entrar no consultório. A mãe, praticamente arrastando o menino que estava “grudado” a ela, entrou sorridente e muito falante, transformando a cena em algo casual. O pai, mais calado, apresentou-se de forma amistosa e sentou-se. Quando a mãe sentou, J. soltou-se, observou o espaço circundante e passou a arrumar os brinquedos e livros no chão, em fileiras milimetricamente iguais sem emitir som algum, permaneceu assim por um longo período.

Iniciamos um atendimento que durou cerca de 60 minutos, os pais muito articulados, pareciam saber ao certo do que se tratava o transtorno há pouco descoberto e como lidar com J. Na verdade, pareciam sabatinados pela via-sacra que há alguns anos percorriam. Disso, uma fala saltou aos ouvidos, quando a mãe disse que apesar de tudo, ela ficava tranquila, porque dos males o menor, o autismo do filho não aparecia, ele era uma criança linda e não tinha marca alguma no corpo que denunciasse qualquer problema, como na Síndrome de Down, por exemplo.

Pouco tempo depois, J. começou a gritar desesperadamente e aparentemente sem razão. O pai levantou-se, foi até o menino que estava no chão e o abraçou, essa atitude fez J. gritar ainda mais. Era um grito longo, ensurdecidor e sem sentido que cessou no mesmo momento em que o menino se prostrou estático e silencioso.

A mãe já não era mais a mesma, toda serenidade e altivez desfizeram-se como o grito no silêncio, e nervosamente ela falou que aquela situação era difícil de explicar aos outros e que estava cansada de tentar fazê-lo, melhor seria uma placa pendurada no pescoço do menino dizendo: sou autista.

O que causa no sujeito o desejo da marca no corpo supostamente sem marca, estigmatizando-o ainda mais? Parece-nos uma urgência. Onde houver indizível que lá esteja a marca, a placa, o simbólico banhando o ser de humanidade.

Não nos referimos aqui ao corpo biológico, organismo material; mas sim, tal qual no campo da psicanálise, numa perspectiva lacaniana, o corpo pensado a partir dos três registros que configuram a estrutura psíquica do sujeito. O corpo associado à imagem, registro do Imaginário; o corpo ligado ao gozo, vinculado ao registro do Real e o corpo marcado pela linguagem, registro do Simbólico. Nossa referência é ao corpo diretivo de um circuito pulsional, que efetivamente está estabelecido e organizado pela marca do significante e pela presença do desejo que faz do ser um sujeito singular. Para Nasio:

[...] o corpo que interessa à Psicanálise não é um corpo de carne e osso, mas um corpo tomado como um conjunto de elementos significantes. O corpo falante pode ser, por exemplo, um rosto, na medida em que um rosto se compõe de linhas, expressões [...]. O adjetivo falante não indica que o corpo fale conosco, mas que ele é significante, ou seja, que comporta significantes que falam entre si. [...] Quando um rosto suscita um sentimento, ele é um corpo-imagem; mas, quando o mesmo rosto desperta um dizer imprevisto, ele é um corpo-significante. (1993, p.149).

A partir do recorte clínico de J. e de sua mãe, interessa-nos apontar, para o registro do simbólico no ponto em que a mãe sugere a “placa” para banhar de sentido um sujeito que não se constitui pela significação, caracterizado pela impossibilidade de articular a relação linguagem x fala x corpo. A placa pendurada no pescoço parece denotar a precariedade do significante nesse sujeito, ou seja, a placa traz um significante fugaz para representar esse sujeito para outro significante. Não há uma cadeia significante que o constitua como sujeito, por isso precisa de uma placa que o defina minimamente, dado que o significante é insuficiente para inscrevê-lo no registro simbólico da linguagem.

Ir além do corpo biológico, na perspectiva da mãe de J., levar o corpo a falar através da marca, é a manifestação de um não sentido no discurso, uma vacuidade languageira, e pelo sujeito apresentar-se esvaziado de linguagem é que ele deve se apresentar por uma marca, por um traço no corpo e não por um significante que possa constituí-lo enquanto sujeito. Conforme Lacan:

Ainda que esse discurso, com efeito, pareça meio vazio [...] mesmo que não comunique nada [...] representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade, mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho. (1998, p. 253).

Este discurso materializado e denunciado pela placa tem o papel de nos “lembrar que a fala, mesmo no auge da sua usura, preserva seu valor de t  ssera” (LACAN, 1998, p.253), nos lançando num universo humano. O objeto “placa” funcionaria neste caso como o discurso do autista, justificando um comportamento e tentando encher de sentido um sem sentido.

Ao ouvir a fala da esposa, o pai de J. parece estarecido, sem acreditar no que acaba de ouvir, respira fundo, sinaliza negativamente balançando a cabeça de um lado para o outro e após um suspiro olha para ela e diz: mais? Encerrando sua participa  o naquele encontro com um sorriso desconcertado.

O pai de J. parece entender não haver necessidade de mais marcas no corpo do menino, não haver necessidade da placa, sendo o grito o mais material possível, próprio da marca que denuncia um silêncio indizível. O grito aqui    a marca no corpo de um silêncio indizível, da ausência completa de um significante que coloque esse sujeito numa cadeia linguageira. Esse silêncio que o grito denuncia    puro vazio, sem borda, sem contorno, sem oleiro;    o abismo de onde o sujeito se lança. Trata-se de um puro silêncio e de um puro grito, inarticulados, algo totalmente diferente da fala que articula os significantes, que mescla o som e o silêncio, que produz uma articula  o entre o som e o silêncio de tal modo a produzir sentidos. Por isso, Viv  s (2009) irá mostrar que a fala deve calar o real sonoro da voz, em outras palavras, podemos dizer que, nesse caso, a fala teria que calar o real do silêncio e do grito, promovendo uma articula  o significativa entre o som e o silêncio.

Cabe adentrarmos aqui na questão da voz, que, pelo efeito de sua “musicalidade” transmitida pela voz materna, transforma o infans (aquele que não fala) em ser falante,    custa de esquecê-la. “Para se constituir, o sujeito se apoia na possibilidade de se ensurdecer diante da voz primordial” (VIV  S, 2012, p. 20), o sujeito não somente precisa esquecer-se dessa voz do Outro, como deve têm também deixar cair a sua voz para poder dizer. A voz    o objeto *a*, indicativo de um real e de um silêncio, testemunha do inaudito e do impossível da simboliza  o. O puro grito, a voz, não representa o infans,    a partir do que o Outro faz com esse grito que ele será representado, “a resposta do Outro [...] transformando-o em grito “para”, leva a significa  o do sujeito    luz do significante do Outro”. Se o grito não encontra ancoradouro pela via significativa, o que se apresenta    experiência com pontas de real.

A certeza deste instante    que o grito lançou ambos, pai e mãe de J., num mergulho no abismo, através de um puro som, real do autismo, pela via do impossível da representa  o que desconstrói todo um discurso de entendimento e serenidade sobre a situa  o do filho, remetendo-os a um retorno    Coisa, onde a cadeia significativa faz seu contorno e denuncia a falta, busca incessante pelo objeto jamais encontrado.

Reportamo-nos mais uma vez a pensarmos na questão do bem-dizer/mal-dizer, bênção/maldição de que trata Didier-Weill(1997, p. 49) “reconhecer que tal dizer não é apenas um bem-dizer organizador de um mundo humano, mas é também um mal-dizer cujo efeito é deixar se mostrar, monstruosamente, um mundo inumano”.

No encontro com a Coisa o sujeito se desfaz; nesse caso especificamente temos um proto-sujeito, não reconhecido, pois o significante não apreendido pela fala impede a cadeia de lhe dar consistência de sujeito. Mantém-se a margem do campo e do desejo do Outro, onde o outro de forma reativa responde à impossibilidade de linguagem e ao encontro estarrecedor com o vazio.

A causa levou à sutileza da falta, a impossibilidade de adentrar a rede de significantes, evidenciando o breve encontro com o real, pelo grito que atravessa a realidade vivida, confirma a causa e afirma o silêncio constitutivo. Conforme Nasio:

[...] sobre o fundo de silêncio a verdade fala na Coisa (das Ding). Essa coisa, realidade muda, fala paradoxalmente dela mesma e dá testemunho da existência de um vazio central na ordem da palavra, parte maldita e para sempre perdida em nossa relação com o outro [...] (2010, p.155).

Para Lacan (2008a, p.33), “a ruptura, a fenda, o traço da abertura faz surgir a ausência – como o grito não se perfila sobre o fundo de silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio”, onde o que escapa é potência criadora de sentidos pela via inconsciente, pelo eterno desejo ou ainda, pelo silêncio constitutivo do sujeito.

A falta encontrada e quase sempre não reconhecida pelo sujeito no Outro, no lapso do seu discurso, o remete à própria falta primeira, a real, lugar de onde advém e de onde se esvanece, “é uma falta engendrada pelo tempo precedente que serve para responder à falta suscitada pelo tempo seguinte” (LACAN, 2008a, p. 210).

O objeto causa do desejo estará sempre relacionado com a falta a ser, remetendo à Coisa, central e exterior ao sujeito, que no encontro com a falta estabelece seu reconhecimento por um efeito a posteriori e remete a um corte no tempo.

Especificamente a que tempo nos referimos? Como calcular o tempo da espera por significação? Como mensurar o intervalo em que ocorre a experiência com o real e a queda no caos da Coisa?

3.5 O TEMPO LÓGICO

Os processos do sistema Ics¹¹ são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Cs. (FREUD, 1996 [1915], p. 214).

Retomemos a fala da mãe do autista, que trouxemos no início desta escrita: “*ou decifro esse menino, ou ele me devora*”. Sujeito lançado na experiência do sem sentido, pela impossibilidade da significação, confrontando o real sem máscara, e revelando a Coisa que violentamente a lança no vazio que se faz presença e causa a angústia avassaladora gerada pelo encontro com o real. Escapou-lhe o sentido entre o silêncio e o grito, mergulho no abismo, e no seu retorno à significação, busca acolhida junto a mim, “*terapeuta da fala*” do seu filho sem fala, na urgência da demanda do sentido.

G. e seus pais chegaram ao condomínio onde moram, após um passeio pela cidade. Conforme o relato da mãe, eles fizeram naquele sábado como de costume, saíram de carro para dar umas voltinhas e se distraírem um pouco. Este é um programa que agrada e acalma G. que não é dado a encontros e festas por lhe deixarem muito estressado, seus pais por esta razão evitam reuniões sociais e a voltinha de sábado virou a rotina/lazer da família. G. e a mãe desceram do carro, na área comum dos condôminos, enquanto o pai estacionava o carro na garagem. Tudo tranquilo e sossegado até aqui. A mãe pegou G. pela mão buscando conduzi-lo ao elevador que os levaria para o apartamento. A criança manteve-se silenciosa e estática, não esboçando qualquer reação. A mãe insistiu, G. empacou. A mãe persistiu, e desse impasse veio a resposta de G. através de um grito ensurdecedor que não cessou quando a mãe lhe soltou. Imediatamente alguns vizinhos começaram a chegar às janelas para ver o que estava acontecendo. A mãe percebendo o movimento dos curiosos, largou G. no meio do pátio, e quando se deu conta já estava no 5º andar. Saiu do elevador, pensou na atitude que tomou, entrou no elevador e voltou ao pátio com uma culpa de “morte”. Aproximou-se de G. no mesmo momento que seu marido. A criança não mais gritava, mas a mãe descontrolada questionava sem parar como pode ter abandonado o filho, dizia que algo poderia ter acontecido com a criança, indagou se ele estava bem, se nada havia acontecido em sua ausência, até que foi interrompida pelo marido que a trouxe de volta do desespero que estava: Calma! O menino não ficou nem 5 minutos sozinho! Nesse instante ela parou de chorar, olhou para o marido e respondeu: Foi uma eternidade.

¹¹ Freud utiliza nesta citação as formas abreviadas de Ics para Inconsciente e Cs para Consciente.

Como é possível temporalizar a angústia vivida? Como mensurar o tempo entre a fuga e a culpa dessa mãe? Não se trata de um tempo cronológico, medido, ordenado, irreversível e atrelado à relação antes e depois, mas sim de uma funcionalidade lógica, de um processo atemporal do sujeito com a coisa vivida, que denuncia a infinitude de 5 minutos. A citação de Freud remete a essa particularidade da psicanálise que relaciona as marcas do inconsciente com uma de suas características: a atemporalidade do sujeito.

Lacan (1998) propõe o tempo lógico no centro da constituição do sujeito: *instante de olhar* – momento da contemplação, onde o tempo é igual a zero e o sujeito não existe; *tempo para compreender* – saída do lugar passivo de contemplação, momento em que algo se rompe; e *momento de concluir* – deslocamento subjetivo pela emergência de um novo significante, tempo descrito no “Sofisma dos três prisioneiros¹²”. Caracterizado por um tempo curto, tempo da pressa, regido pelo inconsciente. Depreende-se desse sofisma que o ato de concluir produz uma certeza antecipada e não o contrário, pois é exatamente na certeza antecipada que ela se confirma e o sujeito se declara em sua verdade:

Assim a verdade do sofisma só vem a ser confirmada por sua presunção, se assim podemos dizer, na asserção que ele constitui. Desse modo, ele revela depender de uma tendência que a visa – noção que seria um paradoxo lógico, se não se reduzisse à tensão temporal que determina o momento de concluir. A verdade se manifesta nessa forma como antecipando-se ao erro e avançando sozinha no ato que gera sua certeza; o erro, inversamente, como confirmando-se por sua inércia e tendo dificuldade de se corrigir ao seguir a iniciativa conquistadora da verdade. (1998, p. 211).

A mãe de G. é lançada a um tempo que não tem relação com passado e presente, antes e depois. O corte desse tempo cronológico lança esse sujeito no Real, onde a estrutura do significante precipita o sujeito num tempo lógico. É um sujeito lógico em ato, que fala a partir da sua subjetividade. Por essa razão a experiência vivida é singular no ato de concluir, percebida diferentemente no recorte acima, pelo pai e pela mãe de G.

Há em função da pressa um efeito caracterizado pela urgência que o movimento lógico expressa, efeito que precipita o sujeito evanescido no instante de olhar, lançando-o à angústia que o empurra para mais além do seu início constitutivo, para Didier-Weill:

[...] para além do começo pelo qual ele advém enquanto sujeito determinado pela profundidade da lei, existe uma outra profundidade que o remete àquilo que, nele, não está

¹² O sofisma dos três prisioneiros encontra-se no artigo apresentado por Lacan (1998 [1945]) “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”.

ligado ao que rege o determinismo da lei, mas àquilo que nele subsiste como possibilidade situada para além da causalidade do determinismo. A dimensão desse mais-além que levanta a questão de um começo mais originário que o começo introduzido pela lei [...] (1997, p. 99).

Podemos articular esse mais além e a irrupção do real revelados na angústia atemporal da mãe de G. ao constatar o encontro com o vazio da significação e o arremesso ao caos, “campo da Coisa, onde se projeta algo para além... lugar onde tudo que é lugar do ser é posto em causa...” (LACAN, 2008b, p. 257).

A ausência da mãe coloca em evidência não somente a questão do tempo lógico, naquele momento eterno da angústia, mas também o efeito impactante do processo de separação que traz à tona o indefectível desejo materno e seu gozo que aliena, aprisiona e que, conforme Lacan, produz os seus estragos:

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carrega sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão - a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso. (1992, p. 105).

A mãe aliena G. em seu gozo, busca não separar-se da criança, e o que ocorre deste aprisionamento passa pela impossibilidade de G. vir a ser sujeito, de onde ele também responde, pelo grito. É uma mãe crocodilo pronta para reincorporar sua cria ao ventre. Ela experimenta uma angústia avassaladora pelo movimento de separação, diferente da angústia oprimida de G. de ser “devorado” pela mãe. Para ele, separar-se do outro materno, é a possibilidade de se articular com o mundo, para além da mãe, ou seja, pelo processo de separação da demanda da mãe vem a possibilidade de que a criança não se cristalice neste lugar. Quando isso ocorre, quando a mãe se afasta, cessa o grito. A lógica operativa, observada neste recorte clínico, demonstra certo aprisionamento que distorce ou apaga a possibilidade de alteridade, na criança.

A atitude do pai de G. torna-se imprescindível, pois a mediação paterna busca, ainda que sem muito sucesso, fazer um corte, uma separação entre a mãe e a criança. A posição do pai é uma tentativa de deslocar o objeto de gozo materno e fazer aparecer o sujeito no filho.

G. é um menino de 9 anos, com TEA¹³, caracterizado por um autismo bastante severo. Não tem controle dos esfíncteres, não fala, sua comunicação restringe-se a gritos que conforme a frequência e intensidade dão pistas de sua necessidade; além disso, quando quer algo que esteja no seu campo de alcance, usa o outro como instrumento para realizar a ação.

¹³ Transtorno do Espectro Autista.

Desde o início das sessões de fonoterapia foi preciso delimitar os espaços e papéis de cada sujeito, pela interferência constante da mãe. Mulher ativa, proativa, sempre muito falante, interpondo-se sempre em ação por antecipação. O tipo de sujeito que coloca a prova terapeutas e teorias. G. frequentou muitas escolas, visitou muitos médicos, iniciou diversos tratamentos com muitos psicólogos e muitos fonoaudiólogos, teve contato com diferentes metodologias e abordagens diversificadas, nada e ninguém parecia adequado o bastante. Essa busca da mãe conferiu-lhe um suposto saber que impedia a troca e que comprometia qualquer relação vincular.

Mas naquela noite ao telefone, uma voz aflita inicia sua fala sem saudação nem identificação com a seguinte frase: "ele é a própria esfinge, ou eu decifro esse menino ou ele me devora", é a mãe de G., segue falando desesperadamente, num misto de revolta e abnegação. Relata o que já foi exposto anteriormente nesta escrita, que quando se deu conta do que fez estava num buraco sem chão, sem fundo, diz não poder mais suportar esse "tempo eterno" do silêncio do filho e chora. Chora 9 anos de altivez e proatividade. Chora uma angústia profunda, "um afeto que não engana" (LACAN, 2005, p.88). Parece-nos chorar a morte de um suposto saber. Enfim, rompe a mãe de G., atônita pela breve experiência com o real, suspensão comum da angústia. Para Lacan:

Em suma, a angústia é correlativa do momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo em que ele será alguma coisa no qual jamais se poderá reencontrar. É isso aí, a angústia. (1995, p. 231).

A angústia de G. denunciada e corporificada pelo grito talvez revele muito mais do que silêncio, revela também a possibilidade do devoramento iminente do sujeito, que no instante relatado é o objeto de gozo do Outro. Então cabe a questão, quando a mãe questiona sobre ser devorada, quem realmente corre este risco? *"ele é a própria esfinge, ou eu decifro esse menino ou ele me devora"*. Parece-nos que decifrar o enigma, neste caso específico, entender o silêncio, adentrar e simbolizar o impossível, acabaria com o horror da experiência do indizível vivido pela mãe, onde o enigma decifrado organizaria tudo. Possibilitando inclusive a experiência da separação, expulsando G. do lugar de objeto do gozo da mãe, afastando-o da "bocarra" materna, sem que ele corra o risco do devoramento.

Essa é a experiência da mãe de G. no encontro com o silêncio constitutivo do filho, prelúdio do inaudito, do indizível, que a coloca em queda livre numa escala impossível de mensurar. Queda no abismo. Didier-Weill explica:

Por “abismo”, designa-se assim um real que, inacessível ao poder de nomeação do Criador, encarna o ponto exato, no âmbito do seu dizer, em que o abismo inominável foi criado por esse recalçamento originário [...] um ponto de real que nenhuma nomeação virá alcançar posteriormente à existência. (1997, p. 53).

Percorrido este trajeto onde nos deparamos com o abismo, adentraremos na questão que incita nossa escrita, a incursão pelo silêncio que provoca o mergulho no vazio e esse confronto com a falta que não passa pela palavra. No próximo capítulo, nossa pesquisa pretende articular o possível de um silêncio estruturante, constitutivo do sujeito. Mas não sem antes sabermos de “outros” silêncios.

4 O SILÊNCIO

Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa [...] capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso. (LISPECTOR, 1973, p.35).

O silêncio é esse espaço de muitos sentidos guardados, de sentidos que resistem, de sentidos que transbordam, mas é também lugar de nenhum sentido, lugar onde o silêncio apenas é. E por ser, impõem-se na espera fundante do ser.

4.1 SILÊNCIO: UM IMPÉRIO DE SENTIDO

Muitos são os caminhos pelos quais o silêncio pode percorrer, de muitas maneiras ele se mostra e configura o discurso¹⁴ do sujeito, ora calando o sentido, ora transbordando-o, em movimentos exacerbados, pois o que regula e restringe o movimento na perspectiva de um sentido, encontra-se na palavra e não no silêncio, como nos explica Orlandi:

O ato de falar é o de separar, distinguir e, paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evitá-lo. Esse gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de sedentarização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e silêncio se movem largamente. (2007, p.27).

Talvez por essa amplitude de movimento do silêncio se justifiquem as múltiplas possibilidades de sentido relacionadas a ele. Há maneiras de estarmos em silêncio que rompem em sentido de tal forma que se fazem ouvir tão alto quanto um discurso eloquente, ainda que sem palavras. Importante é entendermos que o silêncio não está em lugar específico, mas em todos os lugares e que ao pensarmos em um sentido e seus efeitos levaremos em consideração a relação imbricada com o outro e com o mundo no processo de subjetivação do sujeito. Esta articulação será possível na/pela linguagem entre sujeitos. Para Orlandi:

Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos) [...] Sem esquecer que os próprios locutores (posições do sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos, mas se produzem com eles. (2007, p. 20 e 21).

¹⁴ Discurso tomado tal qual na perspectiva da Análise do Discurso como palavra em movimento que constitui o homem e a sua história.

Pensando na palavra como essa forma de representação e de relação que se dá pela linguagem, a palavra é o que faz borda, que organiza os excessos, “[...] estabiliza o movimento dos sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 27), já o silêncio é compasso que torna possível o dizer, é presença e ausência intervalar. Todo dizer necessita da pausa silenciosa para que mais (palavras) possa advir, esse possível da palavra ocorre somente pelo silêncio latente nas lacunas do discurso.

O dizer implica necessariamente um não dizer, escolha por uma ou outra palavra. Neste movimento, a linguagem nos humaniza e a fala cerceia o sentido em nós. Já no silêncio, pelo não dito, todo sentido se move e pode se fazer ouvir. “As palavras são múltiplas, mas os silêncios também são”. (ORLANDI, 2007, p. 28).

Por essa razão algumas expressões empregadas nos reportam a certas significações dadas ao silêncio: *falar em silêncio, silêncio imposto, minuto de silêncio, silenciar, guardar silêncio, quebrar o silêncio, ouvir o silêncio*. “Um silêncio vale mais que mil palavras”, parafraseamos o pensador Confúcio para revelar o caráter dissímil e dicotômico do silêncio – é o que vela e o que revela.

Destarte deste lugar imperioso do silêncio faz-se emergir o sujeito da linguagem denunciando a incompletude desta, e o múltiplo do sentido, conforme Orlandi:

[...] a incompletude é fundamental no dizer. É a incompletude que produz a possibilidade do múltiplo, base da polissemia. E é o silêncio que preside essa possibilidade. A linguagem empurra o que ela não é para o “nada” se multiplicando em sentidos: quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidade de sentidos se apresenta. (2007, p. 47).

A arte através de seus representantes tem nos mostrado experiências que não passam pela palavra, mas pelo silêncio, denotando sua amplitude e seus jeitos distintos de significação. O próprio dizer sobre o silêncio encontra-se em parte excluído de sentido porque naturalmente se mantém além palavra, como uma nota musical que emerge do mais profundo, ela apenas é, como o silêncio do nada a dizer, existência fora da significação, garantida pela insistência de se fazer presença, confluência com a Coisa, encontro com o Real. Conforme Didier-Weill (1997a, p.302) “[...] tornando transmissíveis o inaudito e o invisível, sua tarefa é lembrar ao homem a Coisa que nele vive em exílio, mas permite que ela seja vista e ouvida enquanto que definitivamente exilada”.

Artistas, pintores, músicos, escultores, através de suas obras exprimem uma experiência com o silêncio, de vastidão de sentidos; buscam em sua tarefa abraçar o

impossível através de sua obra. Explicitam a resistência. Circulam entre o estranhamento e a contemplação do mais além do sentido. Denunciam a censura na obra silenciada. Calam para que a obra fale. Gritam por entre a obra que silencia. Nessa jornada da arte pelo silêncio alguns caminhos levam-nos a transitar pelo sentido, mas há também caminhos que nos lançam a um mergulho no real.

A música nos servirá de exemplo para falarmos desse silêncio que “apenas é”, partiremos da interrogativa de Didier-Weill (1997a, p. 237) “quando escuto música porque fico encantado por ela?”. Podemos pensar que através da experiência com a música é possível um reencontro com a voz materna, aquela voz primordial esquecida pela assunção da posição de sujeito, mas que estará para sempre nele e que ao tocá-lo com suas pontas de real desemboca num mais além. Pela ausência de um significante, lança o sujeito a um vazio impossível de ser representado através da fala. Tempo anterior ao advento do sujeito, traço unário¹⁵, de onde surgirá a palavra. Traço este que através da nota é reconhecido pelo corpo, causando estranhamento, mas que encontra pouso no ser:

Porque se passa alguma coisa para qual não estou preparado: enquanto que, quando estou numa relação de palavra, a experiência me ensina que não recebo a palavra do interlocutor a não ser através de uma deliberação interna que me pede para decidir sobre a mensagem ouvida (darei “sim” ou direi “não” a ela?), quando escuto soar a música, descubro, a cada vez, com espanto, que não posso deixar de lhe dizer “sim”, é um “sim” radical que não se deduz de uma deliberação interna que me faz escolher não dizer “não”; este “sim” absoluto, que não concebe nenhum “não”, coloca-nos do que é o sentido verdadeiro de *Bejahung*¹⁶. (1997a, p. 237).

A música faz desvelar o silêncio fundante, que cala brevemente a voz do Outro e faz presente o ser, dali do lugar do real, daquele lugar primeiro, de onde a voz como real do corpo dá lugar à fala rompendo em singularidade e subjetivação.

Sobre esta questão, fez-se lembrança o caso de A., uma menininha linda de 07 anos de idade, que aos 4anos, após algumas discordâncias médicas, foi diagnosticada com Síndrome

¹⁵ Este termo é utilizado por Lacan a partir de Freud que referencia o significante mestre, significante primeiro, que marca a fundação do sujeito, inserindo-o no campo do Outro através da linguagem. “O traço unário, o próprio sujeito a ele se refere, e de começo ele se marca como tatuagem, o primeiro dos significantes. Quando esse significante, esse um, é instituído – a conta é *um* um. É ao nível, não do um, mas do *um* um, ao nível da conta, que o sujeito tem que se situar como tal. Com o que os dois uns, já, se distinguem. Assim se marca a primeira esquizo que faz com que o sujeito como tal se distinga do signo em relação ao qual, de começo, pôde constituir-se como sujeito. (LACAN, 1998, p. 140).

¹⁶ *Bejahung* (afirmação) é um termo utilizado por Freud. É condição para o ingresso em uma ordem simbólica, Lacan o define como uma “admissão no sentido do simbólico”. (LACAN, 1988, p. 21)

de Asperger¹⁷. Sua linguagem é caracterizada por um vasto vocabulário, algumas estereotípias verbais, e um ritmo de fala muito acelerado comprometendo a inteligibilidade e a interação. Junto a essa linguagem sem intervalos, cheia de exageros pelo uso de hipérbolos e eufemismos, mas que efetivamente diz muito pouco, há o movimento excessivo do corpo de A., ela anda de um lado para o outro, percorre a sala com movimentos rápidos e amplos, busca estar em todos os espaços, enchendo-o de quase nada de sentido.

Quando A. fala, falta-lhe o silêncio que pulsa (presença/ausência) entre as palavras, silêncio da pausa, fôlego da linguagem. Mas algo instigante acontece quando ouve música (A. tem preferência por música instrumental, mais especificamente, pelo som do piano) por instantes a menina mergulha, momento em que cessa a fala e o movimento; é quase possível “ver” o silêncio que se instaura em A., é quase possível ver o silêncio lhe estruturando, e lhe fazendo falar, pausadamente, refeita do excesso do Outro.

Parece-nos que a experiência de A. a coloca no encontro com o silêncio indizível, constitutivo e estruturante, onde ela abandona o excesso e o ruído e volta para o sentido das coisas ditas que respiram entre pausas de significação. A. parece aproximar-se da experiência de Didier-Weill com a “nota azul¹⁸”:

O reconhecimento que sinto com relação a ela, se ela vem a ressoar, deve-se ao fato de que o arrebatamento que ela me dispensa é literal. Ela me arrebatava do mundo especular em que eu estava e me faz transpor um limiar que, sem ela, eu não teria, sem dúvida, ousado transpor – limiar de um mundo cuja novidade extrema deve-se ao fato de que, nele, reïne o poder do inaudito: poder de me despertar, ao me ensinar que tudo o que eu podia ouvir de sensato até então estava, sem que eu soubesse, sob o ascendente do inaudito. (1997a, p.250).

Pela música surge o sujeito do inconsciente que invoca e que por ela é invocado aceitando o chamado sem estranhamento ao estranho que o habita e o confirma. Ela diz sim ao que a invade, tal qual a experiência trazida por Didier-Weill:

Eis que, no instante em que soa a música, uma estranha metamorfose se apodera de mim: até então eu podia passar meu tempo, na minha relação com o Outro [...] e eis que agora um Outro se dirige a mim, solicitando um ouvinte inaudito a quem faz ouvir essa novidade siderante: “Em ti, estou em minha casa”.

¹⁷ A Síndrome de Asperger é um Transtorno do Espectro Autista, caracterizada como uma forma leve do autismo. Estes sujeitos apresentam alta funcionalidade, bom desempenho linguístico, porém estruturam seu pensamento de forma bastante concreta, têm dificuldade com metáforas e ironias, aspecto que dificulta as relações dialógicas.

¹⁸ Posição subjetiva que através da música leva o autor “[...] a esperar o apelo de uma certa nota que ainda não está lá [...] produzida pelo encontro entre a harmonia e as notas melódicas já tocadas, me faz supor que não é vão esperá-la”. (DIDIER-WEILL, 1997, p.250).

Enquanto em minha vida cotidiana eu sentiria como um violador inaceitável quem quer que pretendesse semelhante feito, eis que não somente ouço a música me significar que está em sua casa em mim, mas ouço também, em mim, uma voz inaudita que lhe responde: “Sim, é verdade, estás em casa”. (1999, p.11-12).

O que se apresenta para A. é uma experiência fruída com a música, que nos faz testemunhar um retorno a um tempo primordial na sua relação com o Outro, um lugar além-palavras que a convida a vir a ser. Um tempo e lugar agradável e bem-vindo que a organiza. Conforme Didier-Weill:

O que há de inestimável no achado da "Nota Azul" é que, para a insaciabilidade da Demanda, ela é a única resposta que sabe não ser nem sim nem não: ela é comemoração de um ato psíquico fundador, de um nascimento. É nisso que o renascimento para o qual a música nos convida deve ser compreendido como uma autêntica transmutação subjetiva. (1997b, p.73-74)

Podemos perceber em A. através de sua experiência siderante com a música dois encontros: um encontro com o silêncio do significante não dito, um sentido que a organiza e um encontro com o silêncio vazio de significação que a estrutura. Silêncios tomados em sua dupla natureza: *sileo* e *taceo*, silêncios postulados por Lacan, e que veremos a seguir.

4.2 SILÊNCIO E ABISMO

É como um poço sem fundo. Voltamos a sentir o apelo do nada, a tentação de cair, de nos rejuntarmos a uma obscuridade que nos convoca. (Italo Calvino)

No Seminário 14: *a lógica do fantasma* (2008d), Lacan diferencia *sileo* e *taceo*, designando distintamente o silêncio. Coloca-nos a possibilidade do *taceo* como sendo o silêncio que não quer falar, silêncio resistência, palavra não dita, ser silenciado, o silêncio do recalque, calando algo existente; e *sileo* como o silêncio estruturante, silêncio constitutivo, o vazio da significação, visto que a palavra não o alcança, o autor faz referência ao foraclusivo¹⁹, encontro com o Real. Conforme Nasio (2010, p.118) “*taceo* significa calar-se, calar em si alguma coisa de existente; enquanto que *sileo* significa a ausência de alguma coisa jamais acontecida”. Podemos entender a partir de Lacan, *sileo* como sendo em sua forma original, o nada a dizer, ausência da palavra, vazio da significação e *taceo* como sendo a

¹⁹ Foraclusão é um termo introduzido pela primeira vez por Lacan em 1956, no Seminário sobre as psicoses e que “[...] consiste na rejeição primordial de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito. [...] o significante foracluído ou os significantes que o representam não pertencem ao inconsciente do sujeito, mas retornam (no real)”. (ROUDINESCO, 1998, p.246).

palavra contida, silenciada. Um silêncio é confronto com a falta, *taceo*. O outro é mergulho no impossível, *sileo*.

Interessa-nos, em nossa pesquisa, o silêncio fundante, que aponta para a incompletude da linguagem e para a constituição do sujeito. Entendido por Orlandi (2007 p. 29) como o “real do discurso”, ou seja, localizado no registro do indizível, do impossível. Tal qual o registro do real para Lacan, podemos reconhecer no silêncio constitutivo a sua ex-sistência e conseqüentemente, assim como no real, a causação do sujeito e um retorno à “coisa que causa”, pois é essa condição de silêncio indizível que o leva a falar, formulando sentidos e criando a sua realidade.

Surge então o questionamento, ancorado em Didier-Weill (1997a, p. 49): “de que forma o silêncio do mundo sem lei, do caos, se aproxima do silêncio existente num mundo regido pela lei da palavra?” Será possível entre os silêncios o enodamento tal qual nos registros da constituição psíquica do sujeito, inaugurados por Lacan? Como se dá o encontro com o silêncio impossível da significação? E de que forma este silêncio (des)estrutura o sujeito?

Deste silêncio fundante podemos sabê-lo somente por suas pontas, pelo que se faz aparecer através do corpo, pela pulsão, pelos representantes da representação; ele encontra-se num ponto de real que nenhuma significação alcança, lugar do abismo; para Didier-Weill:

[...] designa-se assim um real que inacessível ao poder da criação [...] encarna o ponto exato, no âmbito do seu dizer, em que um abismo inominável foi criado por esse recalçamento originário: o abismo encarna um tipo de silêncio que testemunha quanto ao limite que o poder simbólico da *Bejahung* recebe da *Ausstossung*²⁰. (1997a, p. 53).

Reportemo-nos à experiência de horror da mãe de G. que ao não encontrar porto na significação, ao deparar-se com o silêncio de seu filho, é lançada como descreveu “num buraco sem chão, sem fundo”, encontro com o abismo, “uma relação íntima com a parte do real que, por não aceder à nomeação que faz o mundo existir, persiste como imundo, como esse silêncio absoluto que é o silêncio de silêncio.” (DIDIER-WEILL, 1997a, p. 57).

O ato da simbolização lança o sujeito para fora desse lugar de desordem, de caos, de silêncio absoluto, de abismo. A palavra é marcador inaugural do exílio do abismo, provocando o esquecimento. Ser lançado de volta, exprimir o inexprimível, acontece no sujeito da única forma possível; por “não dispor mais da palavra, é que ele se manifesta no

²⁰ O autor revela que *Bejahung* e *Ausstossung* estão “em continuidade moebiana” e que nesse paradoxo não há contradição “o “sim” pelo qual *Bejahung* afirma a assunção [...], não é contraditório ao “não” pelo qual o *Ausstossung* exprime a expulsão.” (1997, p. 297).

único ato vocal que permanece à sua disposição: o grito” (DIDIER-WEILL, 1997a, p. 58). Levado por essa urgência de significação que o faz sujeito que não quer evanescer.

4.3 O GRITO COMO REALIDADE MATERIAL

Mas essa Coisa não ressoa nem vibra, ela é silêncio, puro silêncio: eu grito, ele grita, e é o silêncio da Coisa que jorra e se impõe. (Nasio, 1997b, p.153).

A epígrafe acima mostra de forma clara e sucinta o possível do silêncio indizível e o caminho por onde ele possa vir a aparecer. A impossibilidade de simbolizá-lo atesta o seu lugar legítimo, junto ao registro do Real e como este, sempre estará insistindo do lado de fora. Lacan no Seminário 12: *problemas cruciais para a psicanálise*, fez uso da arte através da obra datada de 1893: O Grito, de Edvard Munch, para localizar este silêncio impossível de sentido:

Nessa paisagem singularmente desenhada, despojada por meio de linhas concêntricas [...] um lago também formando buraco está aí no meio, e na borda [...] barrando de alguma forma o campo da pintura, um caminho que foge [...] no fundo dois caminhantes [...] este ser de aspecto mais envelhecido [...] este ser tapa os ouvidos, escancara a boca: ele grita [...] quem ouviria este grito que não ouvimos? Se não justamente que ele impõe esse reinado do silêncio que parece subir e descer neste espaço ao mesmo tempo centrado e aberto? [...] é grito que o sustente, e não o silêncio ao grito. O grito faz de alguma forma o silêncio se enovelar, no próprio impasse de onde brota, para que o silêncio daí escape [...] o grito é atravessado pelo espaço do silêncio, sem que ele o habite: eles não estão ligados nem por estarem juntos nem por se sucederem: o grito faz o abismo onde o silêncio se aloja. (2006, p. 216-217).

É preciso significar, confirmar o sujeito, cobri-lo de sentido, pois o silêncio em sua face real não pode ser suportado pelo homem. Esse silêncio de nada, por uma força centrífuga, lança o sujeito para fora da sua existência, pela impossibilidade de simbolização, por ser indizível, impossível, da ordem do *non-sense*. Por essa razão, a proximidade do sujeito com o não sentido desse silêncio faz gritar. Nasio explica:

O grito, portanto, recebe sua característica primordial do buraco. Assim, ele atesta para um sujeito aquilo que o constitui como primeiro exterior, ainda que íntimo. O próprio momento e lugar de um espaço entre sujeito-fora-sujeito [...] Digamos que o ser faltante como Razão, ele não teria nem mesmo como ser pronunciado [...] (2010, p.155).

O silêncio constitutivo lançou o ser no universo da significação de onde se fez sujeito, pois o lugar onde os significantes não alcançam e o sentido não é contemplado impossibilita a evocação desse sujeito à sua verdade na relação da sua existência a partir do Outro. Pontos de contato pela via do real com este silêncio demonstram a evanescência desse sujeito e o insuportável deste lugar.

Exemplo do que estamos trazendo encontramos em Lacan, no Seminário 3: *as psicoses*, sobre “A paz do anoitecer”, em que o autor relata um dos momentos de delírio no caso Schreber:

Ele não pode impedir-se de deixar escapar um grito prolongado, que o atinge com uma tal brutalidade que ele próprio nota que, se tiver algo na boca, isso pode fazê-lo cuspir... Fenômeno bastante surpreendente, se vemos nesse grito, a borda mais extrema, mais reduzida, da participação motora da boca na fala... Se há alguma coisa por que a palavra falada venha a se combinar a uma função vocal absolutamente *a-significante*, e que contém, no entanto *todos os significantes* possíveis, é justamente o que nos faz sentir arrepios ao ouvir o uivo [...] (1988, p.162).

No momento em que o sujeito encontra-se com sua ex-sistência – tempo lógico que (des)estrutura o ser humano e que se dá sob a forma de silêncio constitutivo, que o arrebatada da posição de sujeito, o livra da condição da fala e do comando da lei do significante, que por si não se pode sustentar – esse encontro o faz... gritar. Temos algo que ocorre no humano da ordem de um silêncio constitutivo, indizível, que rompe pelo grito, num lugar onde nada se ouve, *a-significante*, imaginariamente impossível de suportar, que causa horror tal qual o monstro que ronda na escuridão e é dissipado à mínima luz, assim o silêncio se desfaz pelo grito.

Podemos entender essa relação insuportável, pela construção cultural e mítica, simbolicamente alicerçada daquilo que entendemos por “monstro”, este que efetivamente não existe, mas que habita todos nós no momento que o real insiste e aparece sem qualquer possibilidade de representação, “[...] mesmo se nunca encontramos criatura semelhante, somos capazes de conceber [...] o efeito de horror que causa o encontro de um monstro.” (DIDIER-WEILL, 1997a, p. 57). E essa é a relação da palavra com o silêncio fundante, explicada pelo autor:

[...] nosso horror à monstruosidade não é outra coisa senão uma comemoração do ato originário profundamente enigmático que, não tendo criado em nós uma humanidade plenamente acabada e definida pela lei simbólica, deixou advir no ser [...] uma parte residual que, subtraída à lei humana, se torna essa parte que não foi visitada pela palavra e permanece pois como lugar de um silêncio monstruoso que se aproxima de forma radicalmente dessimétrica do lugar em que a palavra reina. (1997, p. 61).

Temos visto deste “horror” nos pacientes apresentados nessa escrita através das vinhetas clínicas, que por não articularem-se a uma rede simbólica ou mesmo pela quebra da cadeia significante que os constitui, são lançados num lugar de sem sentido de onde irrompem pelo grito. Tal qual ocorrido no recorte a seguir.

B. tem 7 anos, é ótimo desenhista, já está alfabetizado, faz histórias em quadrinhos como ninguém, tem ótimo vocabulário e interage de forma bastante satisfatória. Foi diagnosticado Asperger aos 4 anos e desde então encontra-se em atendimento fonoaudiológico. A característica principal de B. é a rigidez de seu pensamento e a uma lógica concreta, por essa razão dificilmente é persuadido a mudar de ideia e é bastante literal em seu discurso por essa razão não entende piadas e falas de duplo sentido.

Numa bela manhã de sol B. chega para atendimento animadíssimo, pois em nosso último encontro iniciamos a confecção de um livro, que neste encontro ele pretende levar para casa. Sem problemas até aqui, mas, para que pudéssemos terminar o livro, precisamos avançar um pouco no horário, pouco mais de 15 minutos além do esperado para o término da sessão.

Ao sairmos da sala a mãe estava em pânico, o tempo havia fechado, o sol sumiu entre nuvens muito densas, muito vento, anúncio de que brevemente viria um temporal. A mãe, que até aqui, sempre se mostrou uma pessoa muito calma e coerente, iniciou um discurso nervoso de que demoramos muito no atendimento, que aquilo não era possível, que a situação ficaria tensa, que começando a chuva B. se desorganizaria e seguiu falando descontroladamente, até que B. gritou um grito de terror, deixando todos atônitos. Quando cessou pegou minha mão calmamente, olhou-me nos olhos e perguntou-me: Você cuide de B?

Em outro momento de chuva, alguém usou a expressão “vai chover canivete”, desde então, B. acredita que facas caem do céu quando chove, o que lhe causa grande pavor, tanto quanto em sua mãe, que nem percebeu que B. ao ver o tempo lá fora, ainda se mantinha em uma “realidade ensolarada”.

Para Lacan (1988, p.161) “chegamos agora ao limite onde o discurso, se ele desemboca em alguma coisa para além da significação é sobre o significante dentro do real”, talvez o grito seja a realidade material de um silêncio insustentável vinculado ao inconsciente entendendo este como o fez Nasio (2010, p.8), baseado em Lacan, sendo “antes de tudo um discurso sem palavras”.

Podemos depreender do recorte feito, que o grito de B. organizou o caos da situação vivida, pois a mesma não fazia sentido em sua “realidade ensolarada”, o desespero da mãe rompeu a cadeia significante em que B. estava se constituindo no exercício da escrita do livro, lançando-o no nada, num mergulho ao silêncio constitutivo, morada que a palavra não alcança. Lugar de onde foi preciso emergir com força, através da única manifestação possível: o grito. Ato observado em B. tal qual descrito por Didier-Weill:

O grito é, de fato, essa mais simples vibração sonora que tenta não romper o silêncio, mas precisamente fazer com este seja ouvido; ele é aquilo através do que se ouve que é o silêncio que grita de dor. Essa dor de não poder sair de si mesmo não será o efeito da parte do significante que, permanecendo inexoravelmente no sofrimento, condena a parte maldita do sujeito ao exílio num lugar absolutamente inóspito à fala? Silêncio tão absoluto, que desse lugar, o sujeito não dispõe nem mesmo do poder de pedir socorro. (1997a, p. 58).

Falar desse grito que rompe o silêncio é remeter o sujeito ao âmago da gênese do ser, na certeza do que engendra o real pela denúncia retratada através do desejo e da angústia. Nas palavras de Lacan (1998, p. 320) “já em sua solidão que o desejo do filho do homem torna-se o filho de um outro [...] cujo objeto de desejo é, doravante, seu próprio sofrimento”. Pelo estabelecimento do símbolo ocorre a morte da coisa, fundando o sujeito e evidenciando o eterno desejo, denunciado pela também eterna cadeia de simbolização. Temos, pois, na quebra da cadeia, na impossibilidade de representação, a morte do sujeito, que o grito aterrorizante denuncia e ressuscita.

4.4 AS FLORES DE FLORA

(...) descubro afinal aquilo que sou
 Sou um grito
 Ou sou uma pedra
 De um lugar onde não estou
 Às vezes é no meio do silêncio
 Que descubro as palavras por dizer
 É uma pedra
 Ou um grito
 (...) a história d'aquilo que sou
 (GUINOT, 1984)

Confesso certo silenciamento até aqui, e tomo o termo ‘silenciamento’ tal qual Orlandi (2007), como uma forma de categorização do silêncio que se apresenta quando circulamos pelas razões políticas da significação, ou seja, pela censura e resistência na formulação dos sentidos. Mas é chegada a hora de falarmos de Flora, jovem de 25 anos, que por dois anos apresentou uma afonia psicogênica²¹, motivo pelo qual foi levada a buscar atendimento fonoterápico.

Flora chegou ao Serviço de Fonoaudiologia encaminhada por sua psiquiatra. Nosso primeiro encontro foi intermediado por sua mãe, que respondia as perguntas solicitadas,

²¹ Termo utilizado na área da fonoaudiologia para designar uma desordem no comportamento vocal decorrente de alterações psicogênicas tendo como principal influência o funcionamento da estrutura psíquica do sujeito.

após encarar Flora por alguns segundos, crendo acontecer o improvável naquele momento, que ela falasse.

A cada pergunta o ambiente tensionava causando mal estar em ambas. Flora parecia tão frágil e ao mesmo tempo tão firme em seu silêncio. Era fugidia na voz e no olhar, mas não fugiu de estar ali. Frequentou assiduamente nossos encontros, o que causou certo espanto, pelo histórico de evasão em tantos outros atendimentos especializados.

Já nos primeiros encontros surge o questionamento que nos instigará a prosseguir com Flora: de que maneira entra o sujeito nesta relação de retenção da voz que não deixa aparecer a palavra e qual é a equivalência dessa retenção com o gozo? Será este um sujeito-fora-sujeito, alienado ao traço primeiro da voz do Outro? A afonia de Flora coloca em jogo o corpo que não faz borda, não serve ao gozo da pulsão invocante e além, faz o silêncio reverberar em angústia, fazendo figurá-lo como discurso, conforme Nasio:

[...] discurso inconsciente de uma demanda: demanda de que haja ser, de que nesse ser/substância/coisa o sujeito seja. Fora do campo do desejo [...] num tempo de antes de qualquer articulação verbal. E o que lá se esquece é o traço unário. A “pura diferença” que pode engendrar o significante primeiro está “reprimida” [...] O silêncio do inconsciente se faz discurso numa recusa, num assassinato mesmo: o assassinato do desejo. (2010, p. 168).

Pela retenção da voz, que é a experiência subjetiva que nos transforma em vir-a-ser para nós e para o outro, Flora sem som e sem palavra é separada de si mesma, por meio do seu sintoma, faz com que este seja falado, ainda que a voz não se torne produto simbólico. Morte em vida, fazendo esvanecer o sujeito, sem leveza, saltando aos olhos de quem quiser ver o peso de uma existência sem sentido e sem palavra, uma existência angustiante. O que se apresenta é um sentido possível para o sintoma, nos fazendo testemunhas de um silêncio indizível, conforme Didier-Weill:

[...] sentido em que se experimenta o sintoma [...] que se induz no sujeito quando a palavra deste, desajeitada, intimidada pelo temor de não articular, de gaguejar, prefere esconder-se no silêncio para não correr o risco de fazer ouvir, para além do que as palavras poderiam fazer escutar, a dimensão do inaudito própria ao inconsciente. (1997b, p. 25).

A história de Flora, passa por uma angústia confessada quando ela ainda falava, relatou à psiquiatra que em momentos críticos ouvia vozes, passava longos períodos trancada em casa e fazia uso de psicotrópicos para “aliviar a dor”. Desde muito nova queixava-se de uma tristeza dilacerante que a levou a uma grande introspecção, não se relacionava mais com as pessoas, nem mesmo os familiares mais próximos.

A angústia de Flora aparece desarticulada, desatada da cadeia de significantes. Se pensarmos que a partir da simbolização primordial e sua relação em cadeia, algo se perde e que será para sempre retomado num processo de repetição na busca pelo objeto perdido, há na afonia algo de retenção do processo da perda. Mas a angústia talvez não se dê somente pela retenção do objeto, mas também pela ameaça da presença do objeto *a*, presença da falta, conforme aponta Lacan:

Que a angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta. [...] Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. A prova disso é que a criança se compraz em renovar esse jogo de presença-ausência. A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta [...] Não se trata da perda do objeto, mas da presença disto: de que os objetos não faltam. (2005, p.64).

Talvez na ameaça da separação, no terror da queda do objeto e na sua inevitável presença, apareça o que na angústia também se faz objeto, o legatário da Coisa, depositário do Real, proto-sujeito mergulhado em sem sentido, que por escolha à (in)significância, que por dizer não à cadeia e à Lei, tem destino inevitável na alienação do Outro, onde se escolhe o Ser e o Sujeito desaparece. Para Lacan:

O sujeito diz “Não!” a esse brincar-de-passar-anel da inter-subjetividade, onde o desejo só se faz reconhecer por um instante para se perder num querer que é querer do outro. Pacientemente ele subtrai sua vida precária das agregações docilizantes do Eros do símbolo, para afirmá-la enfim numa maldição sem palavras. (1998, p.321).

Flora, ao reter sua voz, diz não à troca subjetiva, faz a opção de não dar nada ao Outro, renunciando inclusive a sua condição de sujeito já que “a voz é o real do corpo que o sujeito consente perder para falar” (VIVÈS, 2009). Estando a voz nesse lugar de objeto causa do desejo pela pulsão invocante, podemos inferir que ela retida é o próprio falo, tentando preencher uma falta inconsciente e criando a ilusão de completude, a ilusão da ausência da falta. E desta posição, conforme Nasio (2010, p.111), “esse espaço, reduzido à produção do silêncio está ocupado pelo objeto-voz, coração do silêncio”.

Podemos pensar ela mesma, Flora, como o resto da operação que a constituiu como sujeito, aquilo que cai, o dejetivo; e como tal, mergulhada entre o real indizível e a voz do Outro, encontra-se em queda livre no abismo que a destitui do lugar de ser sujeito, lugar de onde tenta fugir, pelo que cala. Para Vivès (2009) “o sujeito face à voz insultante do Outro,

pode momentaneamente, sentir-se reduzido ao dejetivo evocado e pode tentar fazer-se dejetivo”. Sua voz desarticulada do enodamento simbólico, retida, faz de Flora o próprio objeto *a*, articulando-a a um silêncio de morte. O silêncio de Flora lhe zerou a existência, colocando-a no lugar de objeto que se dá ao Outro, buscando completá-lo. Conforme Wallauer e Maliska (2012, p. 169) “e se irá completar, não haverá falta alguma”. Surgindo, deste lugar de pretensa completude, uma angústia desesperada, uma angústia de morte. Para estes autores “esta é justamente a angústia suicida, pois é a busca por uma completude inalcançável – se colocar na posição de objeto para completar a falta do Outro – saindo da posição de sujeito. A tentativa dessa pretensa completude é a morte [...]”. (2012, p. 170).

Realizamos encontros semanais durante um período de 4 meses. Nesses encontros eram oferecidos a Flora os recursos e as técnicas disponíveis na fonoaudiologia para que ela pudesse perceber-se, buscando um reencontro dela com sua voz e sua linguagem.

Chamou-nos a atenção que dentre tantos atendimentos desertados ela se mantinha ali, e havia um ganho, percebido no olhar que já não fugia. Era chegado o momento de avançarmos no trabalho respiratório e nesse dia utilizou-se uma manobra de força associada ao ar expiratório visando que o mesmo explodisse em sonorização, aconteceu mais que isso, o sopro se transformou num grito longo e agudo que não cessou ao término da manobra.

Flora foi chamada a perceber que aquele grito nada tinha a ver com a manobra em si, mas com a necessidade de “esvaziar-se” do silêncio abismal que a mantinha e que este sinalizava talvez, que era chegada a hora de falar. Olhamo-nos por alguns segundos, instante eterno do olhar, e o silêncio era apaziguador, pela primeira vez era um silêncio aquietado. Eclodiu daí mais que um som, Flora disse: eu vou falar! Abraçamo-nos num abraço forte, representando o que passou e o que viria. E ela se foi.

Flora estava há muito tempo imersa em seu silêncio, viveu o pavor do “monstro” sem dissipá-lo pelo simbólico. Viveu a palavra aprisionada entre um sentido impossível deste lugar do Real e um sem sentido inconcebível deste lugar de representação, entre ser e não ser sujeito ela transborda em angústia. O que ocorre desse excesso de si mesma rompe pelo grito, um basta ao silêncio e a sua condição de (in)existência, que traz junto a possibilidade do advento do sujeito pela promessa da simbolização: *eu vou falar*.

Passada a semana, chega o dia de nos vermos novamente, estranhei não nos encontrarmos na recepção já na minha chegada como de costume, segui em frente, na sala de atendimento um vaso de flores sobre a mesa, lindas flores. Fui à recepção e as atendentes disseram que haviam recebido as flores de Flora, dois dias antes e que elas estavam endereçadas a mim.

Flora não apareceu. Ligamos para sua casa, como fazíamos com todos os pacientes que faltavam ao atendimento. Flora não apareceria mais, suicidou-se no mesmo dia em que me presenteou com as flores. Realmente, ela falou, mas suas palavras não se desdobraram em uma cadeia significante. A lacônica frase: *eu vou falar* gerava uma expectativa no outro de que ela finalmente poderia se apresentar como um sujeito do discurso inconsciente e produzir, a partir de então, uma fala sujeita a esse discurso. Mas isso não aconteceu, suas palavras ficaram congeladas num significante primário (S₁), não formando uma cadeia discursiva. Ela não conseguiu perder a voz para poder falar, como aponta Vivès (2009), ou seja, não conseguiu liberar a voz, perdê-la enquanto objeto *a*, para que a cadeia significante da fala se instalasse. Ela retém a voz num silêncio mortífero e não dá a voz para o outro. No lugar da fala, se instaura um ato, que se anuncia como uma despedida. Naquele dia Flora não se faz presente no atendimento, na sua ausência se presentificaram as flores, o seu presente, a única coisa que ela conseguiu dar ao outro, uma vez que a voz estava retida e as palavras silenciadas. Mas isso que ela dá ao outro é também um ato que encerra, pois no mesmo dia em que levou as flores, suicidou-se.

O suicídio é apontado pela psicanálise lacaniana como uma passagem ao ato, ou seja, ao invés de o sujeito passar à palavra ele silencia e passa ao ato, é o momento em que o sujeito responde à sua angústia. Lacan, no Seminário 10: *a angústia*, identifica duas condições para a passagem ao ato, “a primeira é a identificação absoluta do sujeito com o *a* ao qual ele se reduz [...] e a segunda é o confronto do desejo com a lei”. (2005, p.125).

No caso de Flora, o reconhecimento do objeto *a* como sendo ela própria e o enfrentamento disso com a lei significante e o eterno desejo por completude engendram um funcionamento de retenção da voz onde nada se perde. Essa operação a coloca do lado de fora da relação com a falta, ou seja, a destitui do lugar de sujeito que prescinde perder algo para constituir-se, o que a leva a se dar inteira, próprio dejetivo, nada, que se entrega ao Outro.

Conforme Lacan (2005), pela passagem ao ato, o sujeito faz um corte com a trama de significantes que tecem os sentidos que o constitui e sai para o mundo, mergulho no real, sem encontrar uma via simbólica de ancoragem, ou seja, o sujeito definitivamente aparta-se da cena, definitivamente rompe com o Outro. Explica o autor que:

O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito [...] É então que, do lugar em que se encontra — ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito —, ele se precipita e despenca fora da cena. Essa é a própria estrutura da passagem ao ato. (2005, p.129)

Lacan (2005) aponta ainda que o único ato que alcança seu objetivo, o único ato bem-sucedido é o suicídio, portanto, a saída plena de cena do sujeito para o mundo. Wallauer e Maliska explicam a passagem ao ato na perspectiva lacaniana como:

[...] momento lógico da operação subjetiva que se caracteriza por uma cessação da palavra, e no lugar do dizer, vem um ato que aponta para uma saída radical e contundente. [...] deixar derradeiramente a cena da vida, é isso que faz o suicida, pois ele não encena algo e a partir dessa encenação colocam-se significantes que possam fazer sentido, que possam operar quer sobre a própria cena ou sobre o sujeito. (2012, p.159).

A passagem ao ato para Lacan (2005) é certa, bem sucedida e derradeira, distinta de um ato de linguagem, pois a linguagem é falha e imprecisa, tramada por uma cadeia de significantes que caracteriza sua incompletude e a fundação do sujeito. A passagem ao ato, portanto, finda a palavra, encerra a trama discursiva que determina o sujeito, impossibilitando que um significante se articule em cadeia para dar sentido e consistência ao sujeito, conseqüentemente gera seu esvanecimento.

O apagamento de Flora como sujeito vinha acontecendo paulatinamente através daquela afonia penosa vinculada a um sem sentido. Flora foi sumindo vagarosamente como sujeito durante os dois anos em que reteve sua voz ao passo que mergulhava mais e mais no indizível, silêncio fundante, real do ser. Colocou-se desta forma, na posição de resto da operação que a determinava, objeto *a* de si mesma; e na tentativa de sobrepujar a falta e o Outro, lançou-se em ato, encerrando em si mesma qualquer possibilidade de sentido, qualquer possibilidade de representação. Uma incógnita conforme Wallauer e Maliska:

[...] um enigma que provoca certa vacuidade de sentidos, que esgota as possibilidades de significação. O suicídio traz um silêncio que resiste a dizer algo, um silêncio que não entra na ordem significante da vida. Esse efeito de esvaziamento causado pelo suicídio pode nos conduzir à sua causa, que de igual modo, em muitos casos, também é marcada por um silêncio [...]. (2012, p.158).

Flora respondeu em ato ao silêncio mortífero que a acompanhara, silêncio que um dia foi fundante em sua constituição como sujeito, porém como morada fez-se lugar impossível de existir. Silêncio que inaugurou o traço unário, o significante primeiro e a cadeia que lhe deu consistência de sujeito através de sua ex-sistência, permitindo que circulasse entre a falta e o eterno retorno, porém estar nesse silêncio, mergulhada no Real, é desvanecer da sua condição de sujeito, a morte do símbolo fez emergir a vida da sua história, “única vida que perdura e que é verdadeira, uma vez que se transmite sem se perder [...]” (LACAN, 1998, p. 320). Por isso, ainda conforme este autor:

[...] quando queremos atingir no sujeito o que havia antes dos jogos seriais da fala, e aquilo que é primordial no nascimento dos símbolos, vamos encontrá-lo na morte, de onde sua existência retira tudo o que tem de sentido. É como desejo de morte, de fato, que ele se afirma para os outros [...] (1998, p. 321).

As flores de Flora como traço unário marcam o assassinato da coisa que causa e, neste caso, encerra o desejo e a falta, finda a sua história. Uma história que estará para sempre cristalizada, encerrando sua existência de sujeito, banhando-a de humanidade através de seus indícios.

A passagem ao ato, no caso de Flora, é a entrega toda de si ao Outro, enquanto objeto *a*. Reduzida ao resto da lógica que a constitui, encontra-se no auge da sua angústia. Ao invés de entregar a sua voz e, com isso, conceder parte de si ao Outro, aceitar perder parte de si; ela se entrega de todo, como se ela fosse o objeto *a* que devesse ser entregue ao Outro. Ela é o próprio objeto que deve cair, por isso mesmo chega ao suicídio, pois trata-se de um corpo, quase que desprovido da pulsionalidade e do desejo de sujeito, que cai, busca a morte da falta e a morte do Outro, sem perceber que nisso há a morte de si. É um ato sem sentido, que não faz cadeia, mas que pelo símbolo único, “[...] deixa para sempre presente na memória dos homens este ato simbólico de seu ser-para-a-morte”. (LACAN, 1998, p. 320).

5 CONCLUSÃO

O corpo passa a ganhar corpo na medida em que deixa de ser apenas um “conjunto” de células para ter uma inscrição linguageira e isso é equivalente a marcá-lo com a falta, a inscrever significantes da falta, esses que o objeto *a* representa, esse que é o objeto da pulsão, um objeto sempre em falta, que representa a falta e faz do ser não uma unidade, mas uma incompletude radical. (MALISKA, 2009).

Articular os conceitos da psicanálise à prática clínica em fonoaudiologia para tratar do silêncio fundante e (des)estruturante enquanto constitutivo do sujeito não foi uma tarefa fácil, confessamos; principalmente se tomarmos a citação acima que aponta para a opacidade e incompletude do “vir a ser”. O lugar se mostrou, a princípio, um terreno pantanoso e movediço, entretanto tornou-se motivador e desafiador, visto que a complexidade da teoria psicanalítica, assim como o silêncio fundante, se traduzem como imprescindíveis à representação e à constituição do sujeito.

Defendemos aqui o estatuto fundante do silêncio que inaugura o sujeito lacaniano e o localizamos juntamente ao lugar do registro do real que constitui a estrutura psíquica do ser, caracterizando-o tal qual este último, como lugar indizível e ex-sistente, fundamental à constituição e estruturação do sujeito lacaniano.

Falar desse silêncio indizível é dar-lhe um sentido que confirma um sem sentido e a impossibilidade de habitá-lo. É pela marca da incompletude da linguagem e pela contradição no sujeito, que na cadeia de significantes se faz e se desfaz, que se constitui o sentido e o suposto saber humano. Apenas marcas... que revelam o silêncio fundante, um silêncio impossível, um silêncio real.

Cabe lembrar ao leitor que na posição de observador e narrador dos casos clínicos trazidos nessa escrita por intermédio de algumas vinhetas, temos mais que uma narrativa, o que se apresenta é o testemunho ancorado na subjetividade do analista que se propõe à escuta e ao olhar da análise, buscando pistas na própria cadeia de significantes. Sim, na cadeia de significantes, porque entendemos e confirmamos que do silêncio fundante sabemos apenas pelo que escapa à representação.

Nosso percurso buscou trazer à luz um pouco da experiência vivida entre a clínica da linguagem e a clínica do silêncio, articulando essa prática à teoria lacaniana, tendo como sujeitos desta vivência os pacientes e seus familiares no encontro inquietante com o silêncio, comprovando alguns efeitos que nos possibilitaram avançar em nossa pesquisa. Desse lugar de testemunhas da cena, procuramos estar vigilantes à cilada de tentar dizer tudo, pois sabemos que sempre restará algo a dizer e ainda que alcancemos este, um “não sei quê”

faltar e nos conduzirá. Assim fomos avançando e construindo sobre o silêncio fundante e seus efeitos.

Foi possível avançar na história de J., menino de 4 anos e o “ritual nosso de cada dia”, fazendo tudo sempre igual e sem sentido, buscando organizar o caos silencioso que o mantinha. Aproximamo-nos, através da sua experiência, da causa do impossível denunciando a *das Ding*, onde a palavra por não encontrar pouso, denuncia um silêncio sem sentido. Podemos ver a “lógica operativa” da mãe de J., que, por meio de uma fala vazia, reivindica uma marca no corpo de seu filho, que o banhe de representação e humanidade; vimos através dela a sombra de um sem sentido, passeando entre significantes. Tão pequeno é J. para carregar o peso do significante “placa”, como se não fosse o bastante o peso que o silêncio fundante lhe impunha. Sujeitos desfeitos no encontro com a falta que não encontra ancoragem na cadeia de significantes, puro vazio.

Podemos avançar na história de G. que, aprisionado ao gozo do Outro, alienado ao desejo materno, rompe pelo grito, buscando o mais humano de todos nós: livrar-se da voz do Outro em busca de alteridade. Fomos testemunhas do silêncio indizível materializado quando G. rompe pelo grito. Vimos o arrebatamento sofrido por sua mãe, de um tempo cronológico, organizado e mensurado para uma funcionalidade lógica, atemporal; retrato do inconsciente, pelo toque de um silêncio de nada, vazio da significação.

Demos também um passo a mais, através da história de A. e sua fala intempestiva, que pela música encontra um silêncio de nada, que a organiza e lhe devolve uma fala plena. Fomos espectadores da viagem siderante de A. num encontro mítico, onde o silêncio constitutivo possibilita um abandono de excessos e um retorno ao sentido.

Ao olharmos e ouvirmos o talentoso B., podemos observar que no momento em que ocorreu um corte na cadeia de significantes em que se constituía, ele foi remetido ao caos do silêncio indizível de onde emergiu pelo grito para novamente se estruturar. Silêncio que pelo grito aparece, (des)estruturante e necessário para que ele deixe de ser falado e passe a falar.

E Flora... nos faz avançar através de um silêncio abismal, no ato de deixar de ser sujeito e a sua angústia desesperada, confirmando o impossível do abismo.

Nessa fantástica e apaixonante aventura humana, de ver nascer o sujeito em meio à odisseia languageira, temos o silêncio fundante do começo ao fim da história humana. No começo, antes do ato e do verbo, fez-se silêncio; o mesmo que impera após o findar da vida humana. Antes do nascimento e além, após a sua morte.

Esse puro silêncio que não traz consigo sentido algum gera no humano algo de estranhamento, visto que o que nos reveste e nos condensa passa pela representação e pelo

sentido, mas que apesar de estranho, irá sempre insistir, nos trazendo a lembrança do retorno, “[...] secreto e oculto mas vem à luz” (FREUD, 1919, p. 242). Vimos nas experiências narradas que o contato com este silêncio fundante carrega junto a si e junto a nós, sujeitos de sentido, algo de angustiante. No artigo *O estranho*, Freud atentava para esta questão:

De onde provém a inquietante estranheza que emana do silêncio, da solidão, da obscuridade? Nada podemos dizer da solidão, do silêncio, da obscuridade senão que são esses verdadeiramente os elementos aos quais se liga a angústia infantil, que jamais desaparece inteiramente na maioria dos homens. (1919, p.307).

Portanto, o mal estar e estranhamento que ocorre ao entrarmos em contato com o silêncio fundante se dá pela impossibilidade de atribuímos sentido a essa experiência siderante, em que o sujeito se vê despido de significantes e de onde rompe de forma reativa, pela urgência da representação. Emergimos desse mergulho com o mais real de nós, confirmando nossa existência linguageira, experiência particular e única, advinda da relação entre o sujeito e o Outro, que de forma subjetiva se faz distinta a cada um.

Como vimos nos recortes clínicos, a experiência da aproximação com esse silêncio e a sua ex-sistência não acontece de forma standardizada, não segue um padrão homogêneo de resposta à experiência vivida, este encontro com o possível de silêncio fundante será sempre uma aventura ímpar, singular a cada sujeito. Na nossa trajetória, podemos testemunhar diferentes formas de subjetividade surgindo desse encontro: através de uma fala plena, que reestrutura o sujeito na sua retomada por sentido; através de uma fala vazia, que não diz nada e nada organiza; através do grito, materializando um silêncio sem sentido; ou mesmo através do ato, onde ocorre a renúncia ao sentido e conseqüentemente ao sujeito. Essas operações podem marcar, pelo desejo e pela angústia, a experiência advinda do contato com o lugar mítico da constituição, além-significação, pontas de real.

A todos nós, seres assujeitados, é dada a experiência do retorno à origem, momento de sideração, onde muitas vezes somos lançados ao limiar do simbólico e nos deparamos com o mais estranho de nós, que não reconhecemos em representação, mas ainda assim, é o que somos. Tal qual aforismo de Lacan (1998): “Eu sou ali onde eu não penso”.

Essa viagem tem seu eterno retorno, do instante mítico do sujeito ao sentido que o constitui, pelo comando da lei. O homem conforme Vivès (2009) “é sempre tentado por esta voz do gozo que o convida a reatar-se com o arcaico”. A cada marca de representação, circundamos o vazio, aproximamo-nos do silêncio fundante, e confirmamos a presença da ausência daquele significante que nos fará completos pela linguagem.

Na possibilidade de nos aventurarmos através da escrita, tanto quanto vivenciarmos a experiência de testemunhar o silêncio da clínica, somos também levados pela busca ilusória de completude a escrever mais e o mesmo, que nesse exercício, a cada momento se torna outra coisa, mais além. Na escrita do que jamais escreveremos aparecem em/para nós, agentes de autoria, os efeitos do real, onde repousa o silêncio que nos inspirou.

Inspiração oriunda da incrível experiência com o universo silencioso de João, Guilherme, Anna, Bruno e Flora, nossos protagonistas; que para o leitor atento passam somente agora a ser indicados por seus nomes, com exceção de Flora; sujeitos, que para nós têm garantida sua inscrição no universo simbólico. São apresentados como sujeitos que se constituem historicamente muito mais pela cadeia discursiva de outros, do que de suas próprias representações; são banhados pelos significantes que lhes são dados, ou seja, sujeitos falados, muito mais do que sujeitos que falam, na tentativa de inserção no universo linguageiro. Apesar de percebermos nos relatos trazidos nesta escrita a proximidade disruptiva com a cadeia simbólica, apesar de confirmarmos certa desconectividade com a linguagem e de testemunharmos experiências com o silêncio indizível e com significantes que não fazem cadeia, contudo, confirmamos sujeitos constituídos pelo simbólico, ainda que um outro, eletivo ou não, se imponha a construir a sua história.

A esses argumentos expostos, que visam legitimar nosso trabalho, adicionemos mais um, que por seu caráter emblemático nos sugere relevância: basta que se imagine, que se levante a remota hipótese de que, mesmo por apenas alguns poucos segundos, ainda que com os ouvidos bem atentos, o que fosse possível ouvir, tratasse somente do silêncio fundante, de *non sense*, de impossível, para que tal impactante experiência possa instigar e estimular mais estudos.

Colocamo-nos em face de um acontecimento, o momento de concluir este trabalho, e para nós concluí-lo é tatuar, pelo que verte na escrita, a incompletude. Pela perspectiva da linguagem entendemos que não estará totalmente pronto, ainda que seja imperativa a necessidade de fecho. E podemos conviver com essa incompletude, realidade que é a máxima em nossa constituição. Convocando a ideia de incompletude encaminhamos o fecho dessa tecedura desejando que a confecção desta dissertação e a experiência clínica nos suscitem novos questionamentos e nos encaminhem a novas formulações. Sabemos ser justamente da sobra, do que resta, do que fica sem resposta e que, portanto, insiste, que somos convocados a dar mais um passo, tentando assim produzir novas articulações.

No percurso da urdidura desta escrita, podemos quase “sentir” o toque do real chegando na forma do silêncio que tanto nos desafiou e convocou a chegarmos mais

próximos, talvez mais além. Momentos de desconstrução e reconstrução, e que aos poucos nos aproximou empaticamente daqueles os quais nos propomos a desvendar e confirmamos que não há o que descobrir, não há o escondido; o que se apresenta é o nada, o indizível, silêncio fundante, o real da linguagem, que nos arrancou do lugar de testemunhas e nos revelou assujeitados a ele em nossa constituição. Pensando nos protagonistas dessa escrita, parafraseamos Shakespeare na obra Hamlet, através de uma real constatação, de que estes sujeitos, e mais, de que todo sujeito se dá "a todos, em ouvido; em voz, a poucos;" e de resto... Silêncio.

Por fim, ressaltamos que não tivemos, ao desenvolver este estudo, a pretensão de dar respostas conclusivas, tampouco esgotar o tema, que por si não se pode exaurir; mas sim de realizar um trabalho com alguns conceitos da psicanálise que formam o pilar de sustentação do processo de constituição do sujeito e sua relação com o silêncio que o institui, tanto para aquele que mergulha no indizível quanto para aquele que o testemunha, pois acreditamos, tal qual a teoria que elencamos nesta escrita, na aposta e na espera, de que o efeito da aventura desta escrita apareça *a posteriori*.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. **O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz: fundamentos da clínica à teoria.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DIDIER-WEILL, Alain. **Os três tempos da lei – o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997a.

_____. **Nota Azul: Freud, Lacan e a Arte.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997b.

_____. **Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan – o inconsciente estruturado como linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano; entre a língua e o gozo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FREUD, Sigmund. **Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise (1912).** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **As pulsões e seus destinos (1915).** In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **O Estranho (1919).** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Além do princípio do prazer (1920).** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Psicologia de grupo e a análise do ego (1921).** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GUINOT, Maria. **Silêncio e Tanta Gente/La silence Et la foule/Silence/Augenblick der illusion (EP, Dacapo, 1984).**

HARARI, Roberto. **Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan.** Campinas, SP: Papirus, 1990.

JORGE, Marco Antônio Coutinho e FERREIRA, Nadiá Paulo. **Lacan, o grande freudiano.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. **Escritos.** (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise.** (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. O Seminário, livro 3: **as psicoses**. (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. O Seminário, livro 4: **a relação de objeto**. (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. O Seminário, livro 5: **as formações do inconsciente**. (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. O Seminário, livro 7: **a ética da psicanálise** (1959-1960). 2ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Editor, 2008b.

_____. O Seminário, livro 10: **a angústia**. (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. O Seminário, livro 11: **os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008a.

_____. O Seminário, livro 12: **problemas cruciais para a psicanálise**. (1964-1965). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2006.

_____. O Seminário, livro 14: **a lógica do fantasma**. (1966-1967). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008d.

_____. O Seminário, livro 16: **de um Outro a outro**. (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008c.

_____. O Seminário, livro 17: **o avesso da psicanálise**. (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. O Seminário, livro 18: **de um discurso que não fosse semblante**. (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. O seminário, livro 19: **... Ou pior**. (1971-1972). Salvador: Espaço Moebius Psicanálise, 2003.

_____. O seminário, livro 20: **mais, ainda**. (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. O Seminário, livro 22: **R.S.I.** (1974-1975) Download - Arquivo PDF em Espanhol. Disponível em < <http://lacan.orgfree.com/lacan/livros.htm>>

_____. O Seminário, livro 23: **o sinthoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva** (1973). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MALISKA, Maurício Eugênio. **Entre linguística & psicanálise: o real como causalidade da língua em Saussure**. Curitiba: Juruá, 2003.

_____. **O corp(oral) da voz.** IV Congreso Internacional de Convergencia. Buenos Aires – Argentina, 2009.

NASIO, Juan-David. **O silêncio na psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

_____. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997a.

_____. **O livro da dor e do amor.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997b.

_____. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

TAVARES, Heliodoro Pedro. **Sobre a tradução do vocábulo Trieb.** In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

VANIER, Alain. **Lacan.** São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

VIVÈS, Jean-Michel. **A voz na clínica psicanalítica.** Rio de Janeiro: Contra Capa/Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2012.

_____. **A pulsão invocante e os destinos da voz.** Psicanálise e Barroco, Rio de Janeiro, nº 13, p. 186-202, 2009.

WALLAUER, Alina e MALISKA, Maurício Eugênio. **Suicídio um desafio para os profissionais da saúde.** Florianópolis: Pandion, 2012.